

D. CPGE
8.10.87

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PLANEJAMENTO DA EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A DUPLA JORNADA DE TRABALHO DA MULHER:
UM ESTUDO DE CASO COM AS PROFESSORAS DE UMA ESCOLA
PÚBLICA NO RIO GRANDE DO SUL

150790

AUTORA: ALBA MARIA NEVES SPIER

PORTO ALEGRE - 1987

BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFRGS

FICHA CATALOGRÁFICA

S755d Spier, Alba Maria Neves.
A dupla jornada de trabalho da mulher: um estudo de caso com as professoras de uma escola pública no Rio Grande do Sul / Alba Maria Neves Spier.
- Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1986.
f.: il.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
CDU: 396.5:371.124.057(816.5)(078.7)
371.124.057(816.5)(078.7):396.5
(816.5)371.124.057(078.7):396.5
331.811-055.2'311.4

ÍNDICES ALFABÉTICOS PARA O CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Trabalho da mulher: Professores: Escola pública: Rio Grande do Sul: Estudo de caso
396.5:371.124.057(816.5)(078.7)

Mulher: Trabalho: Professores: Escola pública: Rio Grande do Sul: Estudo de caso
396.5:371.124.057(816.5)(078.7)

Professores: Escola pública: Rio Grande do Sul: Estudo de caso: Trabalho da mulher
371.124.057(816.5)(078.7):396.5

Escola pública: Professores: Rio Grande do Sul: Estudo de caso: Trabalho da mulher
371.124.057(816.5)(078.7):396.5

Estudo de caso: Professores: Escola pública: Rio Grande do Sul: Trabalho da mulher
371.124.057(816.5)(078.7):396.5

Rio Grande do Sul: Professores: Escola pública: Estudo de caso: Trabalho da mulher
(816.5)371.124.057(078.7):396.5

Duração da jornada de trabalho: Mulheres: Pessoas com múltiplos empregos
331.811-055.2'311.4

Jornada de trabalho: Duração: Mulheres: Pessoas com múltiplos empregos
331.811-055.2'311.4

Mulheres: Jornada de trabalho: Duração: Pessoas com múltiplos empregos
331.811-055.2'311.4

Pessoas com múltiplos empregos: Duração da jornada de trabalho: Mulheres
331.811-055.2'311.4

Bibliotecária responsável:

Iara Ferreira de Macedo, CRB-10/430

Para Lúcio, Lucinha e Rafael que com seu amor me ensinaram a diminuir a distância entre a teoria dos livros e a realidade do dia-a-dia.

ORACIÓN POR MARILYN MONROE

Señor
 recibe a esta muchacha conocida en
 toda la tierra con el nombre de
 Marilyn Monroe
 aunque ese no era su verdadero nombre
 (pero Tú conoces su verdadero nombre,
 el de la huerfanita violada a
 los 9 años
 y la empleadita de tienda que a los
 16 se había querido matar)
 y que ahora se presenta ante Ti sin
 ningún maquillaje
 sin su Agente de Prensa
 sin fotografías y sin firmar autógrafos
 sola como un astronauta frente a la
 noche espacial.

Ella soñó cuando niña que estaba desnuda
 en una iglesia
 (según cuenta el Time)
 ante una multitud postrada, con las
 cabezas en el suelo
 y tenía que caminar en puntillas para
 no pisar las cabezas.
 Tú conoces nuestros sueños mejor que
 los psiquiatras.
 Iglesia, casa, cueva, son la seguridad
 del seno materno
 pero también algo más que eso...
 Las cabezas son los admiradores, es claro
 (la masa de cabezas en la oscuridad bajo
 el chorro de luz).
 Pero el templo no son los estudios de
 la 20th Century-Fox.
 El templo - de mármol y oro - es el
 templo de su cuerpo
 en el que está el Hijo del Hombre con
 un látigo en la mano
 expulsando a los mercaderes de la
 20th Century-Fox
 que hicieron de Tu casa de oración una
 cueva de ladrones.

Señor
 en este mundo contaminado de pecados y
 radioactividad
 Tú no culparás tan sólo a una empleadita
 de tienda.
 Que como toda empleadita de tienda soñó
 ser estrella de cine.
 Y su sueño fue realidad (pero como la
 realidad del technicolor).
 Ella no hizo sino actuar según el
 script que le dimos
 - El de nuestras propias vidas - Y era
 un script absurdo.

Perdónala Señor y perdónanos a nosotros
 por nuestra 20th Century
 por esta Colosal Super-Producción en
 la que todos hemos trabajado
 Ella tenía hambre de amor y le
 ofrecimos tranquilizantes.
 Para la tristeza de no ser santos
 se le recomendó el Psicoanálisis
 Recuerda Señor su creciente pavor a la
 cámara
 y el odio al maquillaje - insistiendo
 en maquillarse en cada escena -
 y cómo se fue haciendo mayor el horror
 y mayor la impuntualidad a los estudios.

Como toda empleadita de tienda
 soñó ser estrella de cine.
 Y su vida fue irreal como un sueño que
 un psiquiatra interpreta y archiva.

Sus romances fueron un beso con los
 ojos cerrados
 que cuando se abren los ojos
 se descubre que fue bajo reflectores
 y apagan los reflectores!
 y desmontan las dos paredes del aposento
 (era un set cinematográfico)
 mientras el Director se aleja con su
 libreta
 porque la escena ya fue tomada.
 o como un viaje en yate, un beso
 en Singapur,
 un baile en Río
 la recepción en la mansión del Duque y la
 Duquesa de Windsor
 vistos en la salita del apartamento
 miserable.

La película terminó sin el beso final.
La hallaron muerta en su cama con la
mano en el teléfono.
Y los detectives no supieron a quien iba
a llamar.

Fue

como alguien que ha marcado el número de
la única voz amiga
y oye tan sólo la voz de un disco que le
dice: WRONG NUMBER.
O como alguien que herido por los gángsters
alarga la mano a un teléfono desconectado.

Señor

quienquiera que haya sido el que ella iba
a llamar
y no llamó (y tal vez no era nadie
o era Alguien cuyo número no está en el
Directorio de Los Angeles)
contesta Tú el teléfono!

(CARDENAL, 1980)

ORIENTADOR:

NILTON BUENO FISCHER

- . *Ph.D. em Educação*
Stanford University, USA
- . *Professor do Curso de Pós-Graduação em Educação - UFRGS*

AGRADEÇO

- aos meus pais o trabalho que tiveram na transcrição e datilografia das entrevistas e no cuidado com meus filhos, trabalho árduo e cansativo, sem o qual esta dissertação não teria prosseguimento;

- e dedico muito de meu carinho a Conceição, Marlene, Nara, Nora e Tereza;

- especialmente a Nilton, Alceu e Celi pelos comentários e principalmente pela paciência que comigo tiveram;

- a Ana Maria, pelo interesse e tempo que dedicou a este trabalho na correção dos "errinhos" de português.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	11
RESUMO	12
ABSTRACT	14
INTRODUÇÃO	16
1.1 - O PORQUÊ DE ESTUDAR AS PROFESSORAS	21
1.2 - QUEM SÃO ESTAS MULHERES QUE TRABALHAM NA ESCOLA ALVO	23
1.3 - COMO TRABALHAMOS O TEMA	26
1.4 - COMO FOI ORGANIZADO O TEXTO DISSERTATIVO	36
2. OPRESSÃO DA MULHER	38
2.1 - O TRABALHO DOMÉSTICO: A POLITIZAÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES	52
2.2 - AS PROFISSÕES TÍPICAMENTE FEMININAS	65
2.2.1 - MAGISTÉRIO: UMA CARREIRA ESCOLHIDA POR OPÇÃO OU POR CONTINGÊNCIAS?	71
3. O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA OPRESSÃO DA MULHER	79
3.1 - INSTRUMENTOS DE REPRODUÇÃO DA OPRESSÃO	84

	10.
3.1.1 - ENSINO NÃO FORMAL	84
3.1.2 - ENSINO FORMAL	90
3.1.3 - A PROFESSORA ENQUANTO OPRESSORA	98
3.2 - INSTRUMENTOS DE RESISTÊNCIA A REPRODUÇÃO DA OPRESSÃO	101
4. FECHAMENTO	105
5. BIBLIOGRAFIA	113
6. ANEXOS	117
6.1 - CARTA	118
6.1.1 - ANEXO DA CARTA	119
6.2 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA	120
6.3 - FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	122

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - TAXAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CORPO DOCENTE - BRASIL	51
TABELA 2 - PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA FORÇA DE TRA- BALHO - RIO GRANDE DO SUL E BRASIL	52
TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO DA MULHER NOS RAMOS DO TER- CIÁRIO - RIO GRANDE DO SUL - 1920/1970	54
TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO DA MÃO-DE-OBRA FEMININA NOS SERVIÇOS DE CONSUMO COLETIVO	55
TABELA 5 - TAXAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA NA POPU- LAÇÃO ESTUDANTIL, POR CONDIÇÃO DE ATIVI- DADE - 1976	76
TABELA 6 - CONDIÇÃO DE NÃO-INCORPORAÇÃO DA P.E.A - 1976	76

RESUMO

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo o entendimento da problemática da professora em sua dupla jornada de trabalho, na casa e na escola, onde são privilegiados dois pontos de meu particular interesse por acreditar que sejam fatores agudizantes da sua condição de vida: a opressão da mulher e o papel da educação na opressão da mulher e seus conseqüentes desdobramentos.

O papel da professora, numa escola da rede estadual do RS nos anos 80, me interessou como objeto de estudo por ser uma profissão muito procurada pelas mulheres e por terem elas, em suas mãos, a responsabilidade de uma escolha: serem agentes transformadoras, oferecendo resistência aos instrumentos de opressão e reprodução via educação ou simplesmente aceitarem manter os valores já estabelecidos pela nossa sociedade patriarcal.

Tive resultados recompensadores, como o fato de encontrar mulheres conscientes de sua opressão lutando, no dia-a-dia, por seus direitos. Encontramos também algumas de quem pouco podemos esperar, o que nos faz ter cada vez maior firmeza e intensidade de trabalho pela causa feminista.

ABSTRACT

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to understand the problems involving women teachers in their double labour journey, at home and at school, emphasizing two points of our private interest since we believe that they lessen their life condition: woman's oppression and the role of education in such process and its subsequent unfoldings.

The role of the woman teacher in a school of the public school network in the 1980's has been chosen as our object of study because that is a profession which women in general are much taken to and because they have in their hands the responsibility of a choice: to be the agents of transformation, offering resistance to the instruments of oppression and its reproduction via education or simply to accept to maintain the values already established by our patriarchal society.

We've had very rewarding results, such as to find teacher's conscious of their oppression fighting daily for their rights. We've also found some whom we may hope little, which only increased our interest in working for the feminist cause with more strength and intensity.

1. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

O meu interesse¹ pelo tema da mulher se evidenciou há alguns anos atrás na cidade do México, onde vivi de 1979 a 1981, e onde tive, pela primeira vez, a oportunidade de me aproximar de um grupo de mulheres que trabalhava pelas causas feministas. Esta motivação foi crescendo e amadurecendo com o passar o tempo até que resultou na vontade de entender o problema com o auxílio de um suporte teórico.

Este trabalho tem como objetivo o entendimento da problemática da mulher que trabalha em sua casa e fora dela, realizando uma dupla jornada de trabalho, na tentativa de ver de que maneira são percebidas estas duas atividades e mesmo se estas são tidas como diferenciadas para os dois sexos.

A pesquisa foi desenvolvida com as professoras de uma escola da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, lecionando no 2º grau.

¹A linguagem a ser utilizada nesta dissertação segue a linha dialógica informal. Tal postura vai ao encontro dos ensinamentos de Falls Borda, sendo a simplicidade de comunicação uma das regras determinantes para que o resultado dos estudos sejam expressos numa linguagem acessível a todos (Falls Borda, 1971, in Brandão, 1982).

Conforme o comentário que segue, pode-se ver como a mulher é lançada ou retirada do mercado de trabalho, sem que, na maioria das vezes, tome consciência de sua posição e sem que possa, inclusive, optar por seu serviço, leva da que é a agarrar-se à primeira oferta que aparece.

"A produção de crianças e o cuidado a estas constituíam o centro de gravidade das mulheres e seu principal encargo na sociedade. De fato, constituíam quase tudo o que era da mulher. Mesmo no caso de escravas, quando o seu casamento era desencorajado e os acasalamentos provisórios, os filhos que nasciam eram cuidados pelas mães. Sem dúvida que se recrutou mulheres para o mercado de trabalho industrial - mas isto se deu num contexto claro de escassez de mão-de-obra. Assim que o suprimento deste regularizou-se, os índices de participação da mulher na força do trabalho declinaram. É também verdade que uma estrutura de classes extremamente rígida associada a salários muito baixos forçaram a mulher a buscar fontes de remuneração própria, todavia, concretamente, esta necessidade foi expressa numa oferta excepcional de braços para prestação de serviços pessoais, na tentativa de conciliação do papel de mãe com a obtenção de um salário, por mais baixo que este fosse; em outras palavras, através de uma dupla jornada de trabalho" (Pena, 1981).

É este processo, de aproveitamento ou não do trabalho feminino, que cabe também abordar, na situação atual de crise financeira que estamos vivendo: uma inflação de mais de 200%, no ano de 1983, uma dívida externa de aproximadamente noventa bilhões de dólares e toda uma política governamental que, para pagar suas contas, reduz os salários abaixo do nível da inflação. O Estado coloca em risco até o próprio nível de subsistência da população que ainda tem um emprego e leva à marginalidade os desempregados que se somam dia após dia. O Brasil encontra-se assim sem re-

cursos para manter o crescimento da economia e não consegue gerar os um milhão e meio de novos empregos para absorver os novos contingentes de trabalhadores.²

Tenho como perspectiva política levar as mulheres a uma reflexão sobre suas condições de vida e acredito que ao realizar esta pesquisa me educarei ao mesmo tempo em que estiver educando, seguindo, desta forma, na permanente busca da libertação dos grupos oprimidos.³ Levá-las da reflexão à ação, será um passo que dependerá muito mais de todas nós e da conjuntura histórica do que de qualquer compromisso individual isolado.

Acredito que, para entender melhor a questão das mulheres que dedicam seu tempo de trabalho ao lar e à Educação, deve-se antes situar o seguinte contexto: como a população⁴ estudada envolveu professoras de um colégio estadual do Rio Grande do Sul, quero crer que estas trabalhadoras não estão exercendo seus cargos apenas por opção, mas também e principalmente por necessidade de contribuir na renda familiar, ainda que com um salário irrisório, de uma família que na maioria das vezes pertence a uma camada social diretamente ocupada no setor terciário.

² Os dados estatísticos deste parágrafo foram retirados de Cotrin, 1983.

³ Para maior aprofundamento consulte Freire in Brandão, (1982).

⁴ PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO SETOR EDUCACIONAL DO RS: 1920 - 59,5%; 1940 - 72,6%; 1950 - 77,4%; 1970 - 82,6%. Fonte dos dados brutos: IBGE - CENSOS DEMOGRÁFICOS; in, SILVA, Lorena, Mulher e Trabalho. Estrutura Ocupacional Feminina no RS/1920/1970. Tese, 1977.

Tendo situado com que categoria de mulheres irei tratar, falta dizer que, embora o Estado do Rio Grande do Sul seja um dos mais ricos do Brasil, ainda fazemos parte de um país subdesenvolvido, dependente do capital dos países centrais e com uma verba Federal de 4,8% destinada à Educação, em 1982.⁵

"Se vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois algodão e, em seguida, café para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizaram a sociedade e a economia brasileiras. Tudo se disporá naquele sentido: a estrutura, bem como as atividades do país. Virá o branco europeu para especular, realizar um negócio; inverterá seus cabedais e recrutará a mão-de-obra de que precisa: indígenas ou negros importados. Com tais elementos, articulados numa organização puramente produtora, industrial, se constituirá a colônia brasileira" (Prado Jr., 1979).

Segundo este mesmo historiador, o "sentido" da evolução brasileira ainda se afirma pelo seu caráter inicial da colonização.

As seqüelas desta colonização e os interesses que determinam a sua manutenção, sendo ampliada inclusive pelas outras metrôpoles, nos legaram um país onde, no primeiro ano de vida, morreram 170 crianças em cada 1000 nascidas. O número de analfabetos corresponde a aproximadamente

⁵ CEPERS - 4º Encontro Estadual de Educação, 1982, mat. mimeografado.

30 milhões de brasileiros. Em cada 1000 crianças que ingressam na escola primária, somente 18 conseguem terminar o curso universitário, sendo que 60% da população economicamente ativa ganha, no máximo, dois salários mínimos.⁶

Quanto ao Governo de (1979/1985) quando entrou em vigor o III Plano Nacional de Desenvolvimento que, dentre seus principais objetivos, somente conseguiu levar avante o desenvolvimento de fontes de energia nacional (Pró-álcool), não alcançou os reais objetivos da população: controle da dívida externa, crescimento da renda e do emprego. Vivemos momentos de grave crise sócio-econômica que, para sua superação, exige a participação global da sociedade brasileira (Cotrim, 1983).

Assim sendo, nós mulheres, que somamos metade da população, devemos nos conscientizar de nossa importância nesta participação global e que, assim como para nossa organização dependemos do fortalecimento da democracia, esta também depende de nossas reivindicações específicas.

1.1 - O PORQUÊ DE ESTUDAR AS PROFESSORAS

O motivo que me levou a escolher estas profissionais foi o fato delas exercerem, como veremos no capítulo 2.2., uma profissão tipicamente feminina, desenvolvendo uma atividade extraluar que é decorrente das funções que já vi~~am~~ham exercendo em casa, pois até mesmo as mulheres que não têm nenhuma titulação sentem-se capacitadas para transmitir as primeiras noções de alfabetização aos seus filhos.

⁶Os dados estatísticos foram tirados de Cotrim, 1981.

Segundo Pena (1981), para a jovem originária dos estratos médios e que queria trabalhar fora no início deste século restavam as possibilidades de se transformar em enfermeira, parteira ou professora primária que são projeções de suas atividades domésticas.

Estes trabalhos tradicionalmente femininos respondem às idéias convencionais sobre os papéis que devem ser acrescidos por cada gênero e não são naturais e específicos de cada sexo (Oakley, 1977). Portanto, a docilidade feminina para sermos enfermeiras ou a amabilidade e a capacidade de adaptação para sermos secretárias não são naturais e sim culturais, ou seja, não nascemos com elas, mas fomos educados para elas.

No Rio Grande do Sul, a taxa de ocupação feminina em 1970 era de 24,7% enquanto que no mesmo ano, no resto do Brasil, esta taxa desce para 20,9% nos indicando que a mulher gaúcha é levada para uma dupla jornada de trabalho em maiores proporções que suas companheiras dos outros Estados do país (Silva, 1977).

Pertencendo a Educação a um ramo de setor terciário, alcança o segundo lugar em ocupação feminina com uma taxa de 82,6% perdendo apenas para os serviços domésticos, remunerados que, neste mesmo ano, atingiram 97,5% do setor (Silva, 1977).

Acredito assim que, ao realizar um estudo sobre esta população, partindo de uma amostra qualitativa, encontrei significativos pontos de identificação para uma categoria a qual suponho pertencerem, aqui no Rio Grande do Sul, a maioria de suas famílias as quais obtêm seus rendimentos através do setor de serviços.

1.2 - QUEM SÃO ESTAS MULHERES QUE TRABALHAM NA ESCOLA ALVO

Iniciarei, a partir de agora, a estudar o perfil da população pesquisada.

Das trinta e duas mulheres entrevistadas, dezesseis são solteiras e sem filhos, o que facilita assumirem o turno da noite, já que não têm obrigações tão rígidas em suas casas quanto aquelas que já estão casadas. Duas, solteiras com filhos. Oito são casadas com pequena prole, sendo as restantes: casadas sem filhos, em número de quatro; temos duas pessoas separadas, uma com e outra sem filhos. Não constou nenhuma viúva. Resumindo, são: 18 solteiras, 12 casadas, 2 descasadas. Todas trabalhando no turno da noite.

Seu nível de escolaridade concentra-se no terceiro grau, somando dezesseis pessoas; onze possuem pós-graduação mas nenhuma a nível de mestrado ou doutorado, e acontecem fatos interessantes⁷ mas nem por isto isolados indicando que o aperfeiçoamento, em área diversa da matéria que ensina, visa não a um aperfeiçoamento de seus conhecimentos mas antes a uma elevação de seu nível salarial, o que pode-se entender vistos os baixos salários recebidos pelo magistério e seu plano de carreira que privilegia o conhecimento a nível quantitativo.

Outra característica evidenciada é que mesmo as funcionárias burocráticas têm nível superior, pois funções

⁷ Temos o caso de uma professora de religião com pós-graduação em medicina preventiva.

como secção de pessoal, protocolo, secretaria e tesouraria, são exercidas por professoras que, por opção, ou por falta de vaga, estão sem classe. Nesta escola existem apenas duas trabalhadoras burocráticas concursadas, para exercerem as funções de agente administrativo.

Seis professoras trabalham nas funções acima referidas, conciliando ou não estas atividades com a classe, outras nove dividem-se entre SOE, biblioteca, SSE, SIEE, audiovisual (Serviço de Orientação Educacional, Serviço de Supervisão Escolar, Serviço de Integração Empresa Escola).

Infere-se assim que há uma distorção do trabalho, sendo um dos motivos a falta de concursos para professor e para as demais funções dentro do quadro do Magistério.

A religião preponderante é a católica para um número de 24 pessoas ainda que a maioria admita não praticá-la. As restantes dividem-se em duas israelitas e uma protestante, também não praticantes; três mulheres foram classificadas como tendo outras crenças que não as mais convencionais, as quais praticam, e duas afirmaram não ter religião.

Vinte e duas destas profissionais antes de dedicarem seus serviços à educação já exerciam anteriormente algum tipo de atividade para contribuir na renda familiar ou para sua própria subsistência.

Os itens relativos ao número de horas, nível e tempo de serviço que constam na ficha de identificação (nos anexos) foram incluídos com o objetivo de não trazer constrangimento quanto aos seus rendimentos, pois sua

conjugação nos leva ao cálculo de uma forma mais sutil, sem deixar de ser precisa.

Estas profissionais estão divididas em dois grupos bem distintos quanto aos seus vencimentos: treze mulheres trabalham vinte horas; quinze, quarenta

horas. Quatorze delas estão situadas no nível cinco, enquanto dez já obtiveram o máximo alcance em suas carreiras: o nível seis. A oscilação de tempo de serviço varia entre cinco e dez anos para onze entrevistadas, e entre dez e quinze para oito.

Ainda que estes números não tenham sido organizados de forma respectiva, tenho a informação de que os proventos do grupo que trabalha vinte horas estão em torno de três salários mínimos, enquanto o grupo que exerce as quarenta percebe em volta de sete salários mínimos (abril de 1986).

Esta renda é aumentada, ou não, com outras atividades remuneradas na proporção de 50% das entrevistadas, pois dezesseis pessoas têm outras ocupações.

Aqui, mais uma vez, aparece uma certa distorção do trabalho, como já havia constatado no caso das pós-graduações que tinham como primeiro objetivo o aumento da renda e não o seu crescimento intelectual.

Neste caso, as professoras ocupam outras funções que não seguem necessariamente suas áreas de ensino,⁸ visando à compensação de seus defasados salários.

A faixa etária divide o grupo entre os trinta e quarenta anos para quatorze mulheres, e dos quarenta aos cinquenta para nove; das restantes, sete situam-se na faixa dos vinte aos trinta, uma das cinquenta aos sessenta, e outra com mais de sessenta anos. Todas são brancas.

1.3 - COMO TRABALHAMOS O TEMA

Quero retratar nesta pesquisa a concepção predominante acerca da questão da mulher⁹ partindo do fato de que os problemas estão sendo pensados "de dentro", tendo em vista o comprometimento da pesquisadora com a política feminista, bem como o cuidado que tive em relação à população pesquisada, a qual não só aceitou a proposta inicial como sentiu-se tomando parte da mesma. A amostra foi representativa qualitativamente da categoria das trabalhadoras da educação; a descrição dos tipos de dados que foram coletados, bem como os instrumentos e procedimentos na coleta dos mesmos foram previamente consultados para que não pairasse nenhuma dúvida quanto à intenção de rea

⁸ Este é o caso de uma professora de Geografia que não tendo classe por falta de vaga (é a terceira colocada na lista de espera) trabalha na seção do pessoal da escola e tem como outra fonte de renda a assessoria parlamentar da Câmara Municipal, ou seja: esta professora tem várias atividades, menos uma, dar aulas (Escola Alvo).

⁹ Vide discussão sobre este mesmo assunto em: Bibliografia Anotada, Fundação Carlos Chagas, 1979.

lizar uma pesquisa verdadeiramente participante, tendo a esperança de que o retorno dos dados obtidos para esta população seja uma das fases mais gratificantes deste trabalho, representando assim nossa verdadeira contribuição para a causa.

Uma metodologia de trabalho não autoritária, uma prática de discussão dialogal, onde evitaram-se posturas normativas e ao mesmo tempo não se negaram os fatores pessoais com seus valores e questionamentos¹⁰, foi o que pareceu mais correto.

A abordagem antropológica facilitou o entrosamento do sujeito investigador com o meio pesquisado. Seguindo esta linha, utilizei nomes fictícios para nossas entrevistadas, tendo como objetivo não reduzi-las a números.

Optei por fazer um estudo de caso dentro da linha qualitativa predominantemente, pois acredito que este delineamento seja aquele que possa nos oferecer maior riqueza de detalhes devido ao aprofundamento nas relações pesquisador-ator, assim como o baixo custo que ele requer.

Muraro (1983) utilizou várias técnicas de trabalho tais como: história de vida, questionário aberto e questionário fechado, justificando sua atitude devido à abrangência do assunto e ao medo de que se caísse no detalhe, nada de novo lhe aconteceria, nem mesmo nada que pudesse ser reintegrado em outros esquemas. Já que este trabalho não tem tais pretensões de abrangência, utilizei somente

¹⁰VIEIRA (1981) também aborda este tema.

a técnica de entrevista aberta. Acredito ser este método mais aproximativo entre sujeito observador e sujeito observado, tornando mais ricos, tanto o relacionamento pessoal quanto os próprios dados, o que é estimulado pelo autor abaixo.

Segundo Thiollent (1980), a entrevista aberta oferece ao pesquisado a chance de participar ativamente do trabalho, possibilitando-lhe uma participação mais efetiva durante o desenvolvimento do processo, sendo que este poderá ir modificando-se à medida que forem surgindo novas inquietações, ou seja, permite estabelecer uma maior flexibilidade metodológica.

Como disse no início, existiu toda uma opção de minha parte por realizar uma pesquisa da ação e para tal concordo com a seguinte definição:

"... é a 'pesquisa da ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo' (Huynh, 1979) que responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios - as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (auto-confiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior" (Falls Borda, in Brandão, 1982).

Quero ressaltar, entretanto, que a maioria dos empregados do setor terciário também está situada nas camadas mais carentes, o que se pode comprovar pelo "processo de inchume" que sofreu este setor.

Para se desenvolver este procedimento de pesqui

sar, Falls Borda, in Brandão, 1982, me sugere alguns princípios metodológicos que foram seguidos e que senti a necessidade de transcrevê-los aqui, ainda que resumidamente e adaptando-os ao nosso contexto.

1. **Autenticidade e Compromisso:** no caso desta pesquisa sobre a mulher, a minha condição feminina é de fundamental importância do ponto de vista da identificação com o problema.
2. **Antidogmatismo:** apesar de existirem princípios ideológicos preestabelecidos, estes não me levaram a reações de causa e efeito e sim de busca de uma realidade que se foi revelando à medida que este estudo progrediu.
3. **Restituição Sistemática:** este retorno da cultura é de fundamental importância quando se tem em mente a preocupação em não fazer nenhum tipo de trabalho de laboratório; também foram estudadas as contribuições recebidas por parte dos sujeitos observados, no enriquecimento destes é da própria pesquisadora. Dentro deste princípio, o autor salienta a simplicidade de comunicação à qual já nos referimos na nota um de rodapé, em que comento a linguagem dialogal utilizada nesta dissertação.
4. **Feedback para a Pesquisadora:** que é a troca de conhecimentos já mencionada no item anterior entre sujeito pesquisador e sujeito observado.
5. **Ritmo e Equilíbrio de Ação-Reflexão:** que é a articulação existente entre o trabalho de campo e o intelectual.

6. **Ciência Modesta e Técnicas Dialogais:** a pesquisadora se propôs: a abandonar a tradicional arrogância do erudito, quanto ao uso da linguagem, a aprender a ouvir discursos concebidos em diferentes sintaxes culturais e a adotar a humildade dos que realmente querem aprender e descobrir, tentando uma maior aproximação com as entrevistadas, na tentativa de ampliar a relação para um nível mais amistoso.

Acredito que tal conduta é imprescindível, trazendo toda uma postura que deve ser seguida quando se tem também a preocupação de que uma pesquisa deva transmitir aos seus atores um caráter emancipatório.

Os primeiros contatos com a população pesquisada foram feitos através de professoras conhecidas que já tínhamos na escola. A elas foram explicados, verbal e informalmente, os objetivos e preocupações deste estudo, e através delas atingimos as demais.

Creio que a melhor forma para esta primeira aproximação seria uma reunião com todas elas, mas não tive possibilidades para que isto acontecesse, devido à diversidade de horários das mesmas, surgindo assim uma das primeiras limitações deste trabalho.

Neste encontro inicial, que foi a nível individual e para pequenos grupos esclareci que não sou especialista no assunto e que, antes de querer provar qualquer coisa, a minha principal preocupação é de colocar questões quanto ao nosso cotidiano.

Para que toda a população pesquisada fosse suficientemente esclarecida quanto à dissertação, foi distri-

buída uma carta¹¹ com todos os propósitos da mesma onde foi solicitada sua participação. Nesta carta, cada uma deu sua resposta quanto ao interesse em participar, assim como horário e local disponíveis.

Depois deste primeiro momento de aproximação, par-
ti para a aplicação das entrevistas individuais quando
então já existia uma maior confiança recíproca.

As mulheres pesquisadas foram retiradas do turno da noite da escola alvo por apresentarem não somente uma dupla, mas muitas vezes uma tripla jornada de trabalho, di-
vidindo-se entre a escola, a casa e alguma outra atividade remunerada.

Tal quantidade de sujeitos, como sugerem Bogdan, R.C. & Biklen, S.K. (1982), para um estudo qualitativo foi pequena e não representativa a níveis estatísticos, já que algumas das limitações desta linha de ação são: a redução dos dados, a fidedignidade, necessidade de muito tempo e os procedimentos não padronizados, sendo por isto difícil estudarem-se populações numerosas.

O importante, a meu ver, neste tipo de amostragem é a identificação que existe entre as pessoas entre-
vistadas e a sua categoria, ou seja, o quanto elas possam ser representativas qualitativamente e quais os pontos que se transformam pelo exercício da profissão em denominadores comuns às mesmas.

¹¹Vide o conteúdo da mesma nos anexos.

Algumas perguntas do roteiro de entrevistas (nos anexos) foram eventualmente elaboradas na terceira pessoa, ou seja, com questões sobre as idéias que as mulheres tinham a respeito das outras, para que não lhes causasse nenhuma forma de constrangimento, ao mesmo tempo que lhes desse maior veracidade, visto não se sentirem melindradas em suas manifestações pessoais, da mesma forma que a maioria das perguntas que nela constam foram reduzidas ou ampliadas, variando com o interesse e a reação que provocaram nas pessoas.

A utilização de gravador, assim como seu manuseio, foi consultado, e como não houve recusa, foi dispensada qualquer outra técnica.

Foram levantados os seguintes dados de identificação: idade, estado civil, número de filhos, nível de escolaridade, religião, profissão anteriormente exercida, número de horas de serviço, nível, tempo de magistério, outras atividades remuneradas e nome fictício.

O local em que se desenvolveu a entrevista foi a própria escola, em algum horário que já tinha sido previamente combinado com a professora, sendo suficiente um único encontro com as entrevistadas.

A minha preocupação foi não tomar-lhes muito tempo, assim, também, a duração foi condicionada à dinâmica da informante, mas levou em média quarenta e cinco minutos. Esta coleta de dados foi levantada em quatro meses para um número de trinta e duas mulheres. Estes dados são de natureza tanto quantitativa (ficha de identificação) quanto qualitativa (roteiro da entrevista) pois a complementariedade entre os mesmos foi de fundamental importância para um maior aprofundamento no assunto.

Wiedmann (1983) nos alerta para a aceitação da nossa própria subjetividade nos aconselhando para que, além das reflexões que devem ser feitas sobre a análise e o método, também as façamos sobre os conflitos éticos e até mesmo sobre o nosso próprio estado de espírito na hora em que estamos realizando a entrevista.

A coleta e manipulação dos dados obtidos por quem está realizando uma pesquisa demonstra antes de mais nada seu comprometimento ideológico e político com a causa estudada, pois devemos estar sempre atentos a quem estamos servindo com nossa ciência. Partindo do princípio de que a educação não é um ato neutro e que a pedagogia da conscientização consiste em captar o interesse dos atores no processo de aprendizagem, procurei nesta dissertação, unir a profundidade da mensagem com a acessibilidade da comunicação.

A seguir anotei algumas apreciações teórico-metodológicas de Astelarra (1982).

Na maioria dos estudos que fazia referência às mulheres, as mesmas apareciam somente como uma variável a mais. Na teoria ficava ausente tudo o que se relacionava com elas. Por exemplo, nos estudos sobre o trabalho, jamais se analisou o tema do trabalho doméstico e suas implicações. Se o estudo era sobre comunidade, raras vezes mencionava organizações e atividades típicas de mulheres.

Os aspectos da vida social considerados como "femininos" tampouco apareciam nos estudos gerais. A história, por exemplo, conta somente o que aconteceria no mundo público, sem referências às atividades cotidianas do povo. Esta omissão afeta tanto o universo masculino como o feminino.

A divisão entre o masculino e o feminino tendeu a representar a diferença entre o mundo "público" e "privado", por um lado, e o mundo da produção e da reprodução, por outro. O que a Sociologia e a Ciência Política se dedicaram a estudar, especialmente esta última, é o mundo público e da produção, pois ainda que fizessem referência à reprodução e à vida privada, nem por isso o faziam a partir da perspectiva da situação das mulheres.

A invisibilidade das mulheres, entendida neste duplo aspecto, é o que se pode denominar sexismo nas ciências sociais.

O movimento feminista e os estudos dentro das ciências sociais que dele se derivaram tiveram necessariamente que resolver problemas metodológicos, teóricos e institucionais. Basicamente, provinham de que a "invisibilidade" das mulheres nas ciências sociais havia criado desvios a nível teórico e metodológico e prejuízos a nível institucional que deveriam ser resolvidos. Isto implicava, por um lado, conseguir um lugar nas instituições e, por outro, desenvolver novos conceitos e métodos de análise.

A questão que ocorre após este comentário de Astelarra é a seguinte: é possível estudar e/ou pesquisar sobre feminismo da mesma forma e com os mesmos métodos e técnicas com que estudamos qualquer outro tema?

Creio que ainda estamos muito no início da caminhada para vislumbrar alguma resposta, mas podemos tentar algumas reflexões sobre estes embaraços pois, a partir do momento em que se começa a pensar em feminismo, a ótica com que até então vínhamos analisando a realidade sofre algumas modificações concretas. Nós constituímos 50% da popula

ção, mas o pronome utilizado preferencialmente é ELES. Se numa sala de aula houver quarenta e nove mulheres e um homem, este homem certamente não gostará de ser chamado de ELAS.

Quando queremos nos referir a toda população nos referimos ao HOMEM, ainda que exista a palavra HUMANIDADE que é um substantivo feminino.

Este controle ideológico que se reflete na língua falada e escrita é fruto também da opressão da mulher apreciado em nosso estudo no capítulo 2.

Mas o que quero salientar é que ao abordar o tema mulher de uma forma acadêmica devem-se ter claros dois fatores que, a meu ver, caracterizam sobremaneira um estudo sobre feminismo.

O primeiro deles seria a subjetividade do tema que resulta da identificação existente entre a pesquisadora e seu objeto de estudo, pois o contrário, ou seja, a separação entre sujeito-pesquisador e o objeto de pesquisa já é clássica: refere-se ao fato de que o tipo de pesquisa que se realiza não parte da base dos interesses e problemas do objeto que se pesquisa, mas da curiosidade científica. O objeto, então, não é outra coisa senão uma cobaia.

O segundo seria a acessibilidade da linguagem (característica de uma abordagem antropológica) para que o estudo tenha o seu retorno garantido à população pesquisada, pelo menos no que tange a esse aspecto.

Assim sendo, a metodologia utilizada nesta dissertação foi a que pareceu mais correta, tanto por sua

flexibilidade quanto pelo rigor adotado que é aquele próprio das teorias abertas, conscientes dos diferentes meios de abordar, conhecer e sentir o mundo. Mundo este em que a força e a fraqueza, a atividade e a passividade não se coloquem como polos opostos definidores do masculino e do feminino, e sim como parte da totalidade dialética, contraditória do ser humano (Alves e Pitanguy, 1983).

1.4 - COMO FOI ORGANIZADO O TEXTO DISSERTATIVO

Para fins acadêmicos, esta dissertação foi dividida em seis capítulos.

No primeiro, a introdução, tive como meta apresentar os pressupostos que objetivaram esta dissertação tais como: o porquê de estudar a categoria profissional das professoras, visto ser suficientemente representativa do setor terciário, apresentando assim pontos de identificação com as demais camadas deste setor e, principalmente, por exercerem uma função característica do sexo feminino. O item 1.2 dedica-se à apresentação do perfil da população escolhida que contemplou: nome fictício, idade, estado civil, com ou sem prole, nível de escolaridade, salário, religião e atividades paralelas ao magistério.

No capítulo seguinte, referente à metodologia, ressaltei a vontade de realizar uma pesquisa predominantemente qualitativa, com uma abordagem antropológica, por acreditar ser este delineamento o mais apropriado para tal tipo de estudo, sem no entanto desprezar a complementariedade dos dados quantitativos neste estudo de caso.

Nos capítulos dois e três desenvolveu-se o referencial teórico conjuntamente com a análise dos dados dos pontos que me pareceram mais relevantes e que acreditei propiciarem melhores condições para analisar a situação de dupla jornada das professoras. No capítulo dois analisou-se a opressão da mulher, o trabalho doméstico e as profissões tipicamente femininas onde o magistério exerce todo o seu fascínio. No capítulo três: o papel da educação na opressão da mulher, temos o ensino não formal, o ensino formal e a atuação da professora enquanto opressora, influenciando substancialmente na qualidade de vida da mulher, deixando-a com poucas alternativas para encontrar aquilo que chamamos "o furo" ou os mecanismos através dos quais a mulher consegue transformar os processos de opressão e reprodução.

Os capítulos quatro, cinco e seis distribuem-se em relação ao fechamento, bibliografia e anexos.

2. OPRESSÃO DA MULHER

2. A OPRESSÃO DA MULHER

Já que o sujeito observado está situado em uma sociedade capitalista, seria muito simples culpá-lo da exploração da mulher. Não deixei de lado esta posição, mas acredito que a opressão feminina é bastante anterior ao modo de produção atual, embora concorde que neste ela tenha sido mais agudizada, ampliando-se da esfera familiar para a social.

Até mesmo a propriedade privada, colocada por Engels (1978) como ponto de partida da opressão da mulher, já foi criticada por feministas, Pinheiro (1981), Alves e Pitanguy (1983) e antropólogos (Meillassoux, 1978).

"No século XIX, caracterizado pelos movimentos rei vindicatórios e revolucionários, estruturam-se as bases da teoria socialista. A partir da análise das relações de produção do sistema capitalista, entende-se a condição da mulher como parte das relações de exploração na sociedade de classes (...). Engels baseia-se em estudos de relações familiares em sociedades primitivas efetuadas por antropólogos como Lewis Morgan. Contrapondo estas sociedades, em que a propriedade é comunal, em que não existe aparelho de Estado e que seriam regidas por laços de parentesco matrilineares, às sociedades capitalistas, concluiu que a base da inferiorização da mulher encontra-se no surgimento da propriedade privada. Desta forma, o casamento e a sujeição da mulher surgiriam da propriedade (herança)" (Alves e Pitanguy, 1983).

Ainda segundo Engels (1978), a família monogâmica foi a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais, mas sim econômicas, e concretamente no triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva.

A tal teoria Meillassoux (1978) opõe a existência de muitas sociedades primitivas nas quais não havia uma estrutura classista baseada na propriedade privada e, apesar disto, a mulher também estava submetida a uma estrutura de dominação masculina, opinião com a qual Pinheiro (1981) concorda, acrescentando a importância de se saber a partir de que momento e em razão de que iniciou a divisão de trabalho entre os sexos, visto que Engels a aceita como sendo algo "*natural*".

É interessante salientar que tanto o surgimento da propriedade privada como sua evolução até o modo de produção¹² capitalista, em muito contribuíram para a situação de exploração em que hoje se encontram as mulheres, mas que, no meu modo de entender, uma das principais causas desta condição é a família nos moldes em que ora é constituída, ou seja, a família centralizada na figura do pai, a dita família patriarcal, reprodutora e mantenedora de todos os valores da sociedade classista.

A alteração dessa "*instituição*" para uma família mais ampliada, em que tanto as tarefas como as decisões se-

¹²"*Modo de Produção*" é a concepção genérica da prática produtiva e da forma como se organiza a sociedade para reproduzi-la. Para um maior aprofundamento consulte: PENA, Sérgio de la; El Modo de Producción Capitalista. Teoría Y Método de Investigación. 2.ed. Mexico, Siglo, Veintuno editores, S.A., 1979.

jam tomadas em conjunto é a grande esperança para o surgimento de uma nova mulher, mais livre, mais feliz e que por consequência também transmitirá esta felicidade a todos os seus membros.¹³

Para complementar, nada melhor que as palavras de Pena (1981):

"É da relação patriarcal que o homem emerge como principal ganha-pão familiar, a mulher como uma trabalhadora complementar e a reprodução da família como seu principal e natural campo de atividades. A sujeição da mulher ao homem não se originou do capitalismo; nesse e no desdobramento que opera entre espaços "público" e "privado" ela apenas tornou-se mais virulenta e devastadora. A opressão não se coloca mais somente na família, mas multiplica-se porque se multiplicam as esferas da significação da vida social".

As citações apresentadas seguem a ordem de maior a menor opressão, conforme suas próprias palavras.

Neste item, assim como nos outros que o seguem, tive a preocupação de selecionar alguns fragmentos das entrevistas completas, com o propósito de apresentar uma amostra representativa das idéias e sentimentos das mulheres trabalhadoras. As normas que possam surgir não serão indicativas de nenhuma destas mulheres exclusivamente, nem das trabalhadoras da educação em geral. "As contradições falam por si mesmas da fase de transição pela qual estas mulheres estão passando: quando o tradicional, velho e desfigurado tropeça com o novo - na prática mais que na teo-

¹³ Sobre "família ampliada" consulte: GORZ, André; Adeus ao Proletariado. Para além do socialismo. 1.ed. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitaria, 1982.

ria - aí mesmo se produz a mudança de costumes e hábitos" (Randall, 1980).

"O homem tem que ser machão, só fazer coisas externas, o resto é com a mulher. Que ele participe, mas não troque fraldas, essas coisas. Eu acho que o lado da mulher ela tem que dar conta (...) Eu acho que em capacidade intelectual, eu acho que é paralelo, em termos de inteligência - assim como têm homens inteligentes, mulheres também. Só que eu vejo que as mulheres conseguiram muito mais atividades do que os homens, diversificação de atividades. A doméstica com a profissional muitas vezes é conciliável, que o homem não consegue conciliar, entende? Até em termos físicos de resistência se o homem faz um trabalho em casa às vezes ele não consegue, (falando em tese, é o que a gente vê) fora. Não tem aquela resistência que a mulher tem. Chega em casa, cansado e estafado; e a mulher além disso, ainda tem resistência de fazer algo mais dentro de casa. Ela tem mais resistência física, sim. O homem não, ele trabalha um período de 8 horas. A mulher chega em casa e faz o serviço doméstico, busca os filhos, atende os filhos, faz uma série de coisas, que o homem não está participando e acho que ela dá conta do recado. Tem mais resistência do que ele. Agora, capacidade intelectual eu acho que são paralelos" (Zu).

A partir deste depoimento, vamos tentar analisar a heterogeneidade da condição da mulher tida como sexo frágil.

Para tanto faremos um breve histórico onde pontuaremos alguns fatores determinantes que originaram a opressão da mulher e suas formas de resistência.

A questão da resistência física do sexo feminino, como veremos, pode ser utilizada tanto para demonstrar que a mulher pode e deve trabalhar mais que o homem como a

utilizou Zu e isto numa esfera doméstica, privada, quanto para afastá-la do mercado de trabalho quando em situação de concorrência com o sexo oposto e isto num âmbito de mercado de trabalho profissional remunerado, ou seja, público.

Em outras palavras, a mulher é forte o suficiente para "dar conta do recado", se assim for necessário, ou é frágil o suficiente para não poder competir com o homem, conforme as variações da economia e de suas próprias condições físicas, onde o exemplo mais comum é a gravidez.

Vejamos o porquê, seguindo a linha de Albornoz e Carrion (1985).

"O enclausuramento da mulher se dá em duas etapas: inicialmente grandes proprietários de terra, apoiados pelos sacerdotes e guerreiros afastam as mulheres de suas antigas funções religiosas e políticas; posteriormente, quando do crescimento das cidades e da formação de uma classe média, os comerciantes retiraram suas mulheres da produção artesanal como sinal de prestígio social.

A reação das mulheres à diminuição de seu papel social se manifestou de diversas formas, como pela criação de comunidades femininas, por sua adesão a movimentos heréticos nos séculos XII e XIII, assim como pela sua participação em inúmeras revoltas sociais da época.

Na tentativa de quebrar tal resistência, a Igreja e as classes dominantes se valeram de dois importantes instrumentos: a Inquisição através da caça às bruxas e uma legislação opressora inspirada na legislação romana e consagrando praticamente a "morte civil" da mulher. A fim de assegurar os direitos masculinos na sucessão, elaborou-se uma legislação, excluindo a mulher da administração dos bens da família, inspirando-se para isso na ideia da fragilidade do sexo feminino do direito romano".

Este tipo de preconceito que vi acima, criado com objetivos tão bem definidos, me faz lembrar alguns outros que pela sua longevidade quase passam despercebidos como "*instinto maternal*", quando jamais ouviu-se falar de instinto paternal, o que nos levaria a acreditar em partenogênese para a espécie humana, não tivesse a biologia chegado ao estágio no qual chegou, e a divisão "*natural*" do trabalho traduzida como: mulheres em casa, homens na rua.

Reportando-me ao exemplo inicial de Zu, vê-se a fragilidade do conceito "*sexo frágil*" que nos dias de hoje concentra-se mais nas duas palavras do que na própria mulher. Refiro-me aos dias de hoje somente como forma de acentuar o problema, pois a nova historiografia feminista nos tem mostrado que as mulheres sempre apresentaram diferentes formas de resistência às constantes opressões a que eram submetidas.

Waters (1979) aponta alguns itens para apresentar seus estudos sobre origem e natureza da opressão da mulher, são eles:

1. A opressão feminina se fundamenta na dialética histórica de fatores econômicos e sociais e não em sua biologia.
2. Na sociedade pré-classista onde não existia excedente, não existiam condições para exploração de opressão entre os grupos (opinião divergente da de Meillassoux, p.26).
3. A origem da opressão da mulher se dá com a passagem da sociedade pré-classista à divisão de classes".

E foi assim que acabamos nós, mulheres, até viraro do tema para um livro com este mesmo nome graças a Simone de Beauvoir que o escreveu em 1949 na França. No volume

dois desta obra, ela aborda "A Experiência Vivida", na qual trata o assunto de uma forma bastante subjetiva, o que sem dúvida serve como arma para torná-lo mais próximo de nossa realidade, pois é na subjetividade, que permeia em todos os estudos feitos sobre mulher por mulher, que nos identificamos na procura de nossa própria identidade e de nosso papel na sociedade.

As obras por mim consultadas para tratar de opressão trazem dados objetivos bastante importantes, o que me faz esquecer por alguns momentos como é doloroso escrever sobre nossa própria opressão.

Eu até ousaria dizer que embora um dos objetivos que nos coloca ao mesmo tempo como sujeito e objeto de estudo seja a nossa própria consciência de oprimidas, numa fase incipiente deste processo, perdemos nossa própria identidade, nosso sistema de referência, pois não há como reformá-lo. O que precisamos, isto sim, é revolucioná-lo, fazê-lo novo, diferente de tudo o que de velho e rançoso existe. Estaríamos na fase de transição pela qual passamos da antiga para a nova mulher. Essa superação de categoria social oprimida tem de ser feita com muito cuidado, para não dar a impressão de que queremos ser opressoras, o que somente inverteria os lados do problema.

A questão da opressão coloca-se exatamente como foi situada no segundo parágrafo da página 26, mulheres mais e mulheres menos oprimidas, pois ainda não se pode escrever nada sobre mulheres não oprimidas, mesmo porque antes disso acredito que ainda teremos de lutar por uma realidade mais igualitária.

Continuo então com as entrevistadas que considero terem um baixo nível de conscientização, como no caso de Zu, tornando-se assim mais vulneráveis a todo o tipo de opressão.

Eulália, quando perguntada sobre as características comuns a ambos os sexos, responde:

"Eu acho que a agressividade é uma característica masculina. Não que não apareça nas mulheres. Eu sou contra a agressividade de qualquer jeito, tanto de parte do homem como da mulher. Mas eu acho que agride muito mais, ao menos a mim, mulher, uma mulher agressiva. Eu acho que é aquela coisa do condicionamento, a gente tolera que o homem seja agressivo, mas eu acho que não combina com a mulher" (Eulália).

Vemos aqui que Eulália se mostra muito mais tolerante com o sexo oposto do que com o seu próprio, ainda que já se dê conta de que está condicionada a este tipo de comportamento.

Maria Beatriz, respondendo sobre como deve proceder uma mulher diante das exigências dos maridos, diz:

"Se a mulher trabalha fora e o homem trabalha fora, os dois trabalhando fora, no momento que eles retornam, eu acho que eles deveriam dividir as coisas, as responsabilidades. Agora se só o homem trabalha fora e a mulher está dentro de casa, eu sou da opinião que quando o marido chega em casa, ao menos as diretrizes básicas de uma família devem estar dimensionadas, né? Que os filhos estejam aguardando a chegada do pai, ou ela própria que esteja aguardando a chegada do marido no caso, aí tudo bem claro. Se ela não trabalhar fora e se sujeitar a is-

to, então aí sim, eu acho que a mulher teria de ceder um pouco. E ser um pouco submissa às exigências do marido. É evidente que uma pessoa que trabalha fora o dia todo, quando chega em casa ela quer também encontrar um pouco de tranquilidade. Vai encontrando os anjinhos tudo solto pela casa subindo as paredes. E a mulher também com uma cara de lavadeira, em plena 2a. feira, não dá" (Maria Beatriz).

Note-se que a respondente considera que a mulher que ficou em casa com os "anjinhos" não trabalhou durante todo o tempo em que o homem esteve na rua, este sim, trabalhando.

Além do que, ela é apresentada como culpada da própria situação, visto que se sujeitou a mesma, onde é então ignorado todo o contexto social.

Aliás, a maioria das mulheres que ainda não descobriu seu papel como indivíduo conscientizado, ao lado do homem na história, sofre de um sentimento de culpa crônico, fato que é também transferido para suas companheiras, e isto acontece até em mulheres que aparentemente têm uma certa lucidez de sua situação como no caso que veremos a seguir.

Maria do Céu, falando sobre quem deve ter o papel mais importante na educação dos filhos dentro da família, mostra um discurso bastante contraditório.

"Aí é a responsabilidade dos dois. Porque o que eu tenho visto de uma forma geral, inclusive na minha família de pai e mãe...

Pai, é aquela pessoa que está ali, trabalhou, ganhou dinheiro, etc. e tal, e que eu tenho visto com as minhas amigas, casais que

eu conheço, que são pessoas de nível social mais elevado, quer dizer, pessoas inteligentes, formadas, etc. e tal, eu vejo que a responsabilidade dos filhos continua sendo da mulher. O homem, o pai, aquela figura que vem para casa, que traz o dinheiro e as exigências, dependendo do temperamento, e não participa em nada da educação das crianças, e quando eu digo da educação das crianças não falo só em mudar fraldas, dar mamadeiras, por que são mínimos, até uma empregada faz. Mas em termos de conversar com os filhos, orientar, aquilo tudo que a mãe faz, quando a criança faz uma coisa na escola e chega em casa falando que aconteceu assim... quer dizer isto também é responsabilidade do pai. E isto ele não tem feito, até acho que por culpa da própria mulher, porque na medida que nós queremos ser independentes não queremos também todo aquele temperamento do homem, machão, decidido, gentil, cavalheiro e que paga a conta" (Maria do Céu).

Ainda que não fizesse parte do roteiro da entrevista nenhuma pergunta específica sobre feminismo, algumas das entrevistadas colocaram o assunto e por isto vamos aqui apresentar um dos depoimentos que acreditamos ser bastante representativo da amostra.

"Eu vejo um exagero no feminismo. Uma radicalização das coisas. E outra coisa, tu nunca vês uma feminista bonita. Tu já notaste isto? Geralmente são mulheres grosseiras. Elas podiam ser feministas femininas. Então me parece assim, não sei porque não me aprofundo muito nos assuntos feministas, é o que eu leio, é o que eu vejo e realmente tu notas que não tem nenhuma militante feminista feminina; nem bonita. Realmente elas são grosseiras" (Dalva).

Se não constara objetivamente uma pergunta sobre feminismo, tínhamos previsto que os respondentes traçassem o perfil de uma mulher feminina, que é uma das palavras

bastante utilizadas por Dalva, como vimos anteriormente, e por Maria Helena que foi, juntamente com Maria da Glória, quem mais tradicionalmente retratou o que seria para elas uma mulher tipicamente feminina.

"Em primeiro lugar ela tem que se enfeitar, usar saia, vestido, não usar calça comprida, ser uma pessoa alegre, eu acho que a mulher deve ser alegre, sorridente, eu acho bem feminina. As pessoas bonitas, mas sérias perdem toda a graça. E o sentido maternal, eu acho, até mesmo sem ser casada, mas aquele lado maternal é tão característico, até não tendo filho, eu acho" (Maria Helena).

O relato de Maria Helena faz lembrar a questão onde discutimos preconceitos, inclusive o do instinto maternal, a partir de Albornoz e Carrion na página 29.

"Quem não se descuida de si própria, pode trabalhar fora, pode fumar seu cigarro, pode participar de todas as atividades sociais, mas ela tendo a sua parte feminina - não se descuidando consigo mesma - sabendo se comportar eu acho que não tem problema nenhum" (Maria da Glória).

É importante salientar que Maria da Glória utiliza-se de concessões para formar seu ideal de mulher, ela pede o consentimento que alguém lhe outorga, algo parecido com relação de opressor e oprimido, ainda que para uma distante e inexistente forma de mulher feminina.

Abaixo vão mais alguns fragmentos das entrevistas que, por serem peculiares, interessou-me resgatar, visto que reforçam o que já escrevi até agora:

"Mas eu acho que pela formação feminina mesmo, ela (a mulher) gosta de um pouquinho de apoio, isso aí faz parte... Porque a mulher não pode exagerar, não pode ser muito mandona, muito machona, porque aí ela perde aquela característica feminina" (Paula).

Segundo Engels (1978) a libertação da mulher exige, como primeira condição, a reincorporação de todo o sexo feminino à indústria social, o que, por sua vez, requer a supressão da família individual enquanto unidade econômica da sociedade.

Visto que historicamente isto não ocorreu, embora as mulheres necessitem de uma fonte de renda para delimitar seu espaço, esta foi a forma apresentada pelas nossas trabalhadoras da educação que se mostraram, digamos, mais conscientes de sua situação de oprimida e por isto com maiores perspectivas de libertação, como no exemplo que segue:

"Eu acho que ela tem que ter uma fonte de renda para delimitar seu espaço.

O ideal seria que ela fosse supridora sempre, que aí não se estabeleceria a relação autoritária. E no caso às vezes - tem uma colega nossa aqui, que inclusive a gente comenta isso - ela trabalha 44 horas, não sei se o marido ganha mais ou menos, mas ele cobra coisas dela, como por exemplo, comida na hora certa, camisa bem passada. Este tipo de coisa é uma questão pessoal dela, saber delimitar as coisas. Bom eu tenho 3 filhos, tu não ajuda, quer dizer, vai te lixar com a tua camisa. É uma questão de se impor. Aquela relação do opressor e do oprimido é aquela história - sempre o oprimido vive em função da relação com o opressor, então deve ser isso que se configura" (Fernanda).

Como vimos neste fragmento, e ela apresenta-se assim em toda a entrevista, Fernanda é uma mulher que está lutando por sua condição de indivíduo conscientizado, embora como ela própria coloque, a questão de trabalhar fora tenha lhe ajudado muito por suas características individuais, o que já não foi suficiente para suas colegas que, trabalhando 40 horas, tinham assim as mesmas condições econômicas dela; ou seja, trabalhar fora pode ser condição necessária para a libertação do sexo feminino, mas não é condição suficiente.

Para concluir o capítulo sobre a opressão da mulher chegamos aos primórdios do capitalismo onde a situação se agravou com a sua expulsão de certas corporações levando-as a se concentrarem na indústria têxtil, onde igualmente sofreram com a concorrência masculina.

"Em 1972, a inglesa Mary Woll Stonecraft publica o ensaio "Uma Defesa dos Direitos da Mulher" no qual denuncia a preparação das mulheres, através da educação, para a dependência e coqueteria.

No Século XX, a ideologia da "mulher dentro de casa" chega ao auge.

O capitalismo industrial se apoiava também na acumulação de base feita pelas mulheres sob a forma de trabalho doméstico, necessário à manutenção e reprodução da força de trabalho.

Além disso, a permanência da mulher na esfera familiar significará para a burguesia uma mão-de-obra de reserva, para os pequenos proprietários uma mão-de-obra gratuita sob a forma de "ajuda familiar", e para os trabalhadores sua libertação da concorrência da mão-de-obra feminina.

A esfera de atuação profissional das mulheres tende a se limitar à indústria têxtil, onde eram preferidas aos homens, recebendo salários inferiores" (Albornoz e Carrion, 1985).

Como vimos, o que existe de unânime na bibliografia consultada é que se o capitalismo não foi o elemento gerador da opressão feminina, foi nele que as condições tornaram-se mais virulentas e devastadoras pois, como dizia Pena (1981) na p.3 de nossa pesquisa, foi nele que a opressão multiplicou-se, não se colocando mais somente na família, porque se multiplicaram as esferas da significação da vida social.

Mas como onde há uma força de opressão, há uma, igual e contrária, de resistência, seguimos na luta feminista emparelhando-a com todas as lutas contra todos os tipos de discriminação, opressão e autoritarismo que sabemos não ser de exclusividade de um único modo de produção.

Sendo assim esta luta tem de ser travada levando em conta tanto os aspectos econômicos como os históricos e sociais e não pode ser confundida com uma luta de classes, visto que a opressão da mulher perpassa as mais diferentes camadas sociais e é principalmente sentida no reduto familiar. Em suas próprias casas, onde um dia foram chamadas de rainhas, exercendo seu papel de donas-de-casa para o qual têm o pendor e a vocação, é que as mulheres são inexorável e visivelmente expoliadas.

2.1 - O TRABALHO DOMÉSTICO: A POLITIZAÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES

Esta pesquisa atingiu uma população da zona urbana e por isto mesmo é interessante a colocação que vem logo a seguir, caracterizando a mulher que se dedica exclusi

vamente ao lar, como sendo tipicamente cidadina.

"No meio rural, a participação da mulher nos trabalhos agrícolas é efetiva, quer como auxiliar do marido, quer como dirigente da unidade familiar, quer ainda como assalariada. O trabalho da roça é valorizado como atividade necessária à sobrevivência, e a limitação das tarefas femininas ao trabalho doméstico só ocorre quando em situação de mudança, camadas da população rural adotam valores urbanos" (Fundação Carlos Chagas; Bibliografia Anotada. Volume 1).

A citação acima aparece, à primeira vista, muito feliz, pois segundo ela a mulher do campo seria privilegiada, já que nunca lhe ocorre a malfadada condição de dona-de-casa, que realiza suas inumeráveis tarefas sem nunca ser considerada alguém que trabalha e sem ter suas atividades valorizadas. Mas detendo-me mais um pouco, cabe perguntar: já que tal pessoa tem sempre suas obrigações de mãe e de esposa, acrescidas das tarefas da roça, para auxiliar o grupo familiar, será ela auxiliada em seus afazeres domésticos, ou seja, ocorrerá o processo reciprocamente? Desde logo, este não será o tema de nosso estudo, mas nos parece uma questão bastante interessante.

Quanto ao trabalho da mulher que fica em casa dedicando-se aos cuidados dos filhos e do marido, gostaria de tecer alguns comentários quanto à natureza deste serviço: é um trabalho solitário, na medida que cada dona-de-casa exerce suas atividades dentro de seu próprio lar, o que não propicia condições para que uma tome conhecimento ou possa auxiliar no serviço das demais. É um trabalho que não tem horário fixo, pois a mulher regula suas atividades de acordo com suas necessidades. Estudos realizados (Rowbotham, 1977) mostraram que na Europa uma mulher

trabalha em média 99,6 horas por semana, (lembrando que uma semana tem 168 horas), é um trabalho monótono e mecânico na medida que devem ser repetidas as mesmas tarefas cotidianamente, o que não dá muito lugar à criatividade, a não ser na hora de fazer as compras, pelo elevado preço que elas alcançam. Por fim, pode-se comparar o trabalho da casa, como sendo um trabalho invisível, pois tudo continua sempre igual na hora em que o marido e os filhos sentam para comer, além do fato de não ser um trabalho remunerado.

Outro fato curioso é que este serviço doméstico feminino transcende ao modo de produção capitalista e à estrutura de classes, pois, ainda nas camadas mais abastadas, ele é também fundamentalmente exercido por mulheres, embora neste caso sendo auxiliadas por subalternas.

Ficando, então, com a divisão de trabalho entre os sexos, a mulher subjugada à esfera doméstica, o capitalista teve suas responsabilidades transferidas, pois esta exploração da mulher funciona como um elemento que serve para baixar os custos da força de trabalho, pois se ele tivesse que assumir todos os custos da produção doméstica, teria seus lucros bastante rebaixados (Pinheiro, 1981).

Vê-se então que esta divisão "natural" do trabalho foi e continua sendo muito vantajosa para a manutenção do sistema em que vivemos, e a mulher estimulada a prosseguir em seu papel de "Rainha do Lar", como fonte de produção de bens de consumo imediatos que em muito auxiliam na prosperidade da tradicional família patriarcal.

Ocorre, infelizmente apenas para uma minoria, que nem tudo é tão linear como o acima descrito, e existem algumas poucas mulheres que já começaram a dar-se conta deste

processo e se, num primeiro momento, sō nos ocorre denunciar as injustiças, num segundo jã tentamos nos unir para, com as companheiras, mudar radicalmente estas condições em que fomos colocadas.

Esta evolução estã baseada na compreensão de que estes objetivos específicos sã parte inseparãvel dos objetivos gerais da luta social¹⁴, nã se dando assim, nem antes nem depois, mas ao mesmo tempo.

Os dados abaixo relacionados estã agrupados de acordo com o nıvel de satisfaçã que as mulheres entrevistadas apresentaram quanto ao tema da divisã das tarefas domēsticas em suas casas, com seus maridos.

Para tanto, as citações apresentadas seguem a ordem de maior a menor nıvel de satisfaçã, conforme a palavra da prõpria respondente. Seguem-se alguns comentãrios:

"No trabalho domēstico o que bitolou muito ẽ a falta de horizonte. A mulher fica muito em casa, ela sã tem uma relaçã de consumo com o mundo. A relaçã dela ẽ ir ao supermercado comprar, ir na loja comprar, ir no colēgio pagar o colēgio dos filhos, e nã tem horizonte diferente, nã conhece mais nada, entã eu acho que isso determina a mulher ter sua forma de pensar diferente dã do homem" (Fernanda).

Este exemplo acima ẽ o que uma das professoras pensa a respeito das mulheres que sã ficam em casa realizando as lides domēsticas, cuidando do marido e dos filhos.

¹⁴Esta idēia tambẽ ẽ desenvolvida por Pinheiro (1981).

No caso das professoras temos que analisar o caso por dois ângulos: o primeiro, que seria o da dupla ou muitas vezes tripla jornada de trabalho, que sobrecarrega a mulher que, além de exercer sua profissão, tem que dar conta da casa e da família, o que sem dúvida é estafante. Existe, no entanto, uma certa ambivalência se analisarmos pela ótica de que esta mulher, quando sai de casa para trabalhar, amplia seus horizontes, pois saindo da esfera familiar ela tem um contato mais direto e realista com o mundo que a cerca.

A mulher tende a ampliar o círculo de pessoas que a rodeiam quando está lecionando, ao mesmo tempo em que se "desliga" dos problemas domésticos.

Outro fator, que talvez seja o mais importante de todos, é o salário que ela recebe e que lhe dá um status diferente daquela que só se dedica ao lar.

O nível de satisfação a que nos referimos acima é referente à forma como as mulheres vêem a participação do marido na realização dos trabalhos da casa, pois se algumas aceitam muito bem esta idéia do "homem na cozinha" outras acham que "não fica bem".

Assim, apresentamos os dados começando com as entrevistas daquelas mulheres que lutam para que estas tarefas domésticas sejam divididas, e após com as que acreditam que a mulher deva fazer os serviços da casa, e o homem os da rua. Mesmo aquelas que dizem não gostar de ver seus maridos de avental na cozinha aceitam ou que eles possam ajudá-las em algumas outras atividades, como por exemplo cuidar das crianças, ou ir ao supermercado.

Mas justamente a palavra chave deste tōpico ē "ajudar", ou seja, o homem nunca tem obrigações de tomar a iniciativa de fazer algo, ele até pode ajudar, o que pelo próprio termo se constitui em favores prestados.

"Normalmente os homens não fazem a mesma coisa (que as mulheres em casa). Ajudam. Ajudam. Ajudam mas não fazem. Não tomam a iniciativa, com raras exceções. Não vai encontrar um homem limpando um banheiro, por motu próprio. Nunca na vida. Se cai, vai cair, não tem importância" (Fernanda).

"Maria tem o marido João que ē jornalista, agora ele se formou, ela já estava formada em educação física e ele ainda não estava formado em jornalismo. Lá pelas tantas tiveram uma filhinha; ela se deu conta que teriam uma vida mais tranq̃lila, se ela trabalhasse e ganhasse dinheiro e ele se formasse. Então, até que ele se formasse quem sustentou a casa foi ela. Ele só fez "bico". Então quem lavava a roupa era ele, quem quase sempre cozinhava era ele, ela também gosta muito de cozinhar, mas eles dividiam as tarefas domésticas, assim, corpo a corpo. É o único casal que eu conheço. Hoje ele está formado, eles têm agora duas filhas, mas ele ainda trabalha em casa. E acho que funciona tr̃ bem, sem falar nas relações dele com as filhas dele, é completamente diferente da relação de qualquer pai da nossa família, ou do meu relacionamento" (Mara).

O exemplo acima ē o que poderíamos considerar de perfeito dentro daquilo que se poderia esperar para os moldes da nossa estrutura e, como a própria entrevistada disse, "ē o único casal que eu conheço". Realmente deve ser um dos poucos pois este tipo de relacionamento depende muito do desprendimento das duas pessoas envolvidas, proporcionando inclusive um novo modelo de pai, mais próximo, mais envolvido em construir uma nova política das relações familiares em que estas aparecem realmente democratizadas. o

discurso político é voltado para dentro de casa, saindo da distante esfera teórica, pois é muito mais fácil fazer teorias sociais a respeito dos operários ou dos camponeses, que estão longe do nosso convívio de classe média, do que dentro da nossa própria casa.

"Ele participa bastante (das tarefas domésticas). Me ajuda. Agora, cozinhar é que ele não gosta muito, mas ele faz. Se eu peço, ele faz. Ele lava a roupa pra mim, ele lava a louça, limpa o banheiro, varre a casa, tira o pó, essas coisas ele faz. Por isso eu não tenho que me queixar".

Outro bom exemplo, o anterior, de novas e saudáveis relações familiares, são que não pode-se deixar passar des percebido a frase: "Se eu peço, ele faz", o que lembra o depoimento da Fernanda, quando comenta que os homens nunca tomam a iniciativa para este tipo de comportamento.

Realmente é difícil imaginar um homem pedindo para a mulher fazer o café da manhã, arrumar a casa, fazer o almoço, lavar, passar e guardar as roupas; não precisa pedir, ela sabe que é obrigação dela este serviço.

"Acho que pode (participar no serviço da casa). Pode e não cai pedaço nenhum. Não é por isto que ele vai perder a masculinidade dele. Tanto é que eu tenho um colega que a gente vê que troca tarefas com a esposa, ambos trabalham fora, ambos educam os filhos, no caso, e são casais felizes" (Maria Beatriz).

A questão cultural do homem não fazer serviços da casa é tão fortemente arraigada que mexe inclusive com sua própria imagem de homem, com o modelo aceito pelas normas

da nossa sociedade, como vemos acima quando a Maria Beatriz se refere ao fato do homem não perder sua masculinidade se trabalhar na casa. E o que ocorre também é o homem só participar quando restrito à família nuclear (pai, mãe, filhos) e, quanto tem visita, voltar ao comportamento tradicional machista.

Também nesta última entrevistada alerto para o discurso utilizado: "Acho que pode (participar no serviço da casa)", ou seja, não é seu dever, sua obrigação. Soa quase como uma concessão da mulher deixá-lo entrar em seu pequeno reino.

"Eu acho que eles devem participar. Eu acho que o marido deve participar com os filhos, mesmo com as crianças pequenas, eu acho que de noite deve ser bem repartido, quando a criança já toma mamadeira; em casa, uma hora o marido faz, outra hora a mulher faz, de acordo com as possibilidades. Se ele viu que ela passou muito tempo agitada com a criança durante o dia, essa coisa toda, ele pode fazer perfeitamente. A mesma coisa com as lides de casa, eu acho que no momento que ele vê que ela está atarefada, que precisa de um descanso, eu acho que ele tem que meter a cara, também. Eu não posso dizer que a gente colocaria como uma obrigação ou coisa parecida de ele fazer. Há milhares de anos que isto já se perpetua, que a mulher é a "Rainha do Lar" e aquela coisa toda, é quem manda na casa e essa coisa toda, mas acontece que os tempos mudaram. Mas hoje em dia eles ainda persistem em ser os machões. Assim mesmo não é demais que eles peguem uma tarefinha para auxiliar. Tá certo que ele não vá para o tanque lavar roupa, às vezes lavar a roupa até da mulher, que a gente muitas vezes sabe, que tem homem que vai e lava toda roupa da casa e faz tudo tranquilo, estende a roupa e essa coisa toda. Mas eu não sei, chegar até esse ponto assim parece que é..., entende? Sei lá..." (Jussara).

Bem, quanto ao depoimento de Jussara pode-se constatar várias e injustificáveis idéias conservadoras a respeito do comportamento masculino, entre outras: o homem não tem obrigação com as lides domésticas, pois sempre foi tarefa de mulher a qual ganha como recompensa da sociedade patriarcal o título de "Rainha do Lar", algo assim, como o lugar de mulheres e gatos é dentro de casa e o de homens e cachorros é na rua; este assunto já foi discutido na introdução deste capítulo.

Note-se que a professora não admite que o homem lave as roupas da esposa enquanto que o inverso é plenamente aceito, sem nenhum grau de contestação. Isto é o que pode ser configurado como preconceito sexista.

Um fato a ser analisado é que a sujeira está relacionada diretamente com o sexo feminino, senão vejamos:

"No plano social, na vida cotidiana, (...) sempre e em todos os lugares, apesar de assim chamada evolução dos costumes que faz com que alguns maridos "ajudem" suas mulheres; sempre e em todos os lugares, sem descanso são as mulheres que carregam a luta extenuante, a recomeçar sempre, contra a sujeira (em particular a sujeira dos outros); limpeza da casa, dos móveis, das louças, das crianças, etc. (...) Porém ainda mais profundamente que a posição social da mulher, o que precisa ser discutido é o modo pela qual sua própria feminilidade é percebida.

Isto é, do mesmo modo que cabe às mulheres limparem incessantemente, cabe-lhes também se limparem sem cessar. Filhas de Eva, as donas-de-casa tentam aflitas lavar seu pecado.

E que, em nosso mundo masculino, o corpo da mulher seja considerado sujo, basta olhar para o monte de anúncios que conclamam as mulheres a se lavarem, a se perfumarem, a

se desodorizarem, a se depilarem, a se "entoiletarem" intimamente, etc.

Mas por que a mulher é considerada tão unanimemente como suja? (...) mais uma vez é por medo que o homem relega ao sujo, o outro, o diferente, a mulher" (Guathier, 1980, in Mulherio, 1983).

Outra questão abordada com as entrevistadas foi a respeito da remuneração ao trabalho feito pelas donas-de-casa:

"Eu acho que se o trabalho doméstico fosse remunerado, eu deveria ganhar muito mais do que eu ganho como professora. O trabalho doméstico, eu acho que é o trabalho mais ingrato que pode existir, é um trabalho que não aparece, um trabalho cotidiano, e é um trabalho que não pode deixar de ser feito. Porque se deixar de ser feito, ele aparece. Então é uma obrigação que a gente tem que é pouco valorizada e que deveria ser muito bem remunerada, não só para a mulher como para o homem" (Clara).

A colocação parece excelente pois vem ao encontro de minhas idéias, ainda que tenha a consciência de como esta posição é criticada por alguns setores que asseguram que se esta remuneração viesse a ocorrer a mulher estaria de volta ao confinamento de sua casa, (justo agora que começa a se liberar) o que não lhes ocorre é que, com a crise de empregos ora existente, a mulher realmente está de volta ao lar e ainda por cima "dura".

Outras trabalhadoras não admitiram que tais tarefas sejam pagas:

"Não vejo muita coerência nisto. Tu estás trabalhando para ti mesmo, trabalhando em casa, por que o Estado vai te pagar"? (Tania)

E é assim que o Estado vai repassando suas obrigações de colocar uma infra-estrutura para o bem-estar da comunidade ou pagar o salário-desemprego ou o salário para as donas-de-casa.

Afinal, quanto vale o trabalho doméstico?

Crusius (Zero Hora, 21/07/85), revelou o salário que uma dona-de-casa média (tipo dois filhos, marido, apartamento de dois quartos, sala, cozinha, dois banheiros, living, área de serviço) por justiça deveria receber a cada mês. Ela fez quatro cálculos: o de salário mínimo - Cr\$ 340 mil - mais obrigações sociais que garantem a aposentadoria - Cr\$ 54.400 - corresponderá a Cr\$ 394.400. Baseada ainda no salário mínimo com horas extras, trabalho aos domingos e feriados, o valor do salário seria de Cr\$ 548.459 mensais, sendo que Cr\$ 75.649 corresponderia aos 16% dos encargos sociais.

No entanto, Yeda Crusius lembra que, levando-se em consideração a tarefa de educadora da mãe, poderia basear-se o seu trabalho também pelo magistério. E o salário de uma professora de primeiro nível é de cinco salários mínimos por 44 horas. Ou seja, Cr\$ 1.700.000, mais Cr\$ 340 mil dos 20% de encargos sociais. Mas como ela não trabalha só 44 horas semanais, somando-se a este salário horas extras e feriados, uma dona de casa no Rio Grande do Sul deveria receber Cr\$ 2.364.050 mais Cr\$ 472.810 (20% dos encargos sociais).

A dona-de-casa não tem a propriedade nem do seu trabalho, nem o direito de aposentadoria, ou o fundo de garantia. Ela não é proprietária de nada. E propriedade é poder.

Esta consciência é fundamental, porque milhões de donas-de-casa nos países do Terceiro Mundo trabalham de 70 a 100 horas semanais, mas parecem não se dar conta da intensidade e variedade das atividades que exercem. Quando perguntadas sobre isto, costumam responder "*Eu não trabalho, apenas estou em casa*".

Tal situação lembra muito a dos escravos que não sendo donos de seu próprio corpo, não eram conseqüentemente donos de seu trabalho, não podendo, portanto, vendê-lo.

Na minha opinião, o pagamento do trabalho doméstico é defendido por pessoas democráticas e liberais, como a conhecida economista anteriormente citada, ou condenado por aquelas que defendem a manutenção de uma sociedade injusta como a que vivemos.

"O atendimento aos filhos, o cuidado com o marido, os afazeres domésticos e tudo o mais que envolve o lar não pode ser medido, computado e muito menos pago. Afinal, não tem preço, pois esta é uma relação afetiva, com características peculiares e, por isso, não pode ser tratada como uma relação trabalhista. A relação de zelo pelo marido/mãe/filho envolve amor, sentimento. E aí não se pode raciocinar e calcular matematicamente"
(Chiarelli, Arabela, ZH, 21/07/85).

A impressão que a socióloga e advogada de nossa cidade nos deixa é a mesma daquele antigo ditado popular "*ser mãe é desdobrar-se fibra por fibra*".

Liberal ou conservadora, a verdade é que o salário da dona-de-casa foi dia 25 de novembro de 1983 defendido pela própria Igreja Católica na Carta dos Direitos da

Família. Um documento controvertido assinado pelo Papa João Paulo II (Folha de São Paulo, 11/12/83), dirigido, indistintamente a todos os governos, organizações internacionais e cidadãos - católicos ou não - de todas as partes do mundo.

Nesta Carta é feita uma referência de especial interesse para as mulheres. Nela o papa defende, com todas as letras, o pagamento de compensações - leia-se um salário - para as donas-de-casa. São assim, segundo o pontífice, seria possível alcançar uma ordem social e econômica justa que permita aos membros da família viver bem e juntos.

A verdade é que a opção das mulheres por uma profissão tipicamente feminina está intimamente relacionada ao seu trabalho doméstico pois, tendo que arcar com as obrigações de dona-de-casa que o homem não tem e terem de permanecer mais tempo em casa para executá-las, acabam aceitando trabalhos pouco qualificados e mal remunerados. Para essa vulnerabilidade, são alinhados quatro motivos básicos: a maioria das mulheres executa trabalhos pouco qualificados e pode ser facilmente substituída por máquinas; seu índice de sindicalização é reduzidíssimo; quase sempre realizam trabalhos temporários ou de jornada parcial, o que reduz seus direitos como assalariados e abandonam o emprego quando têm filhos. Cria-se então um círculo vicioso: o fato da mulher deixar o emprego para ter filhos ou cuidar de les desestimula os empresários a treiná-las para trabalhos mais qualificados (ZH, 21/07/85).

São, pois, as professoras levadas a este setor por vários motivos como os já levantados, além da opção de poderem ter uma jornada parcial de 20 horas e a licença-gestante.

2.2 - AS PROFISSÕES TIPICAMENTE FEMININAS

Até o século passado, as moças das camadas sociais mais privilegiadas tinham poucas opções além de casar, ser dona-de-casa, ou talvez quem sabe, entrar para o convento. Assim, a família estaria mais segura e protegida dos desgostos que suas filhas eventualmente poderiam lhes causar. Hoje em dia, o leque de opções se ampliou muito e a mulher já pode escolher mais livremente sua profissão. Esta abertura também foi fruto das necessidades do mercado de regular os salários, de um lado ampliando a renda familiar, de outro podendo optar por uma mão-de-obra feminina sempre mais barata.

Não se pode esquecer o importante papel dos movimentos feministas que vêm, há muito, rei vindicando salários iguais para empregos iguais. Se é verdade que os movimentos de mulheres lutam para que se tenha as mesmas oportunidades que os homens, também é verdade que, até hoje, causa espanto ver uma mulher astronauta, ou ministra, ainda que seja da educação, setor profissional caracteristicamente feminino.

Além disso, tem de ser levado em conta que é a partir do momento em que a mulher sai de sua casa para a rua com a finalidade de exercer alguma atividade para terceiros é que o trabalho passa a ser remunerado. Exemplificando melhor: se uma mulher limpa sua casa, cozinha e cuida dos filhos, ela não recebe salário algum por isto, mas se ela fizer este mesmo serviço na casa de outra pessoa, ela estará empregada e receberá um pagamento por suas atividades. A função de empregada doméstica pode se sofisticar de várias formas, segundo a classe a que pertence e a mulher

que a está exercendo, uma delas é a de aeromoça. A gravida de do assunto é a desconsideração pelo trabalho doméstico e a falta de uma infra-estrutura que venha facilitar as lides de uma dona-de-casa, assim como dar-lhe mais tempo disponível.

Voltando à profissão de professora, o magistério primário consistia, no século passado, um bom futuro para as jovens de classe média, ainda que inicialmente, no Brasil, a alfabetização também fosse exercida predominantemente pelos homens. Somente no final do século passado é que a profissão de professor primário equiparou-se quanto aos sexos. Esta atividade foi se tornando menos atraente para os homens (Pena, 1981).

Hoje em dia, a participação no corpo docente feminino no Brasil se dá segundo a tabela a seguir.

TABELA 1

TAXAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CORPO DOCENTE
BRASIL

GRAUS	ANO	%
1º	1977 ¹	86,8
2º	1977 ¹	53,6
3º	1978 ²	36,1
Mestrado	1978 ²	32,6
Doutorado		16,0

FONTES: ¹SEEC/MEC, 1980; ²SEEC/MEC, 1978; In: ROSEMBERG e outras; A Educação da Mulher no Brasil, 1982.

Observando-se tais dados, pode-se constatar que quanto mais alto o nível de ensino, menor a participação das mulheres no corpo docente, de 86,8% no 1º grau elas per fazem apenas 16% no doutorado, ou seja, a maioria está localizada na faixa dos 2,4 salários mínimos, e a faixa de 15,3 salários fica reservada para uma seleta minoria (Rosenberg, 1982).

Sendo assim, as profissões que são atribuídas como do gênero feminino por sua própria natureza, são dele retiradas quando isto implica prestígio social e econômico.

No Rio Grande do Sul, a situação da mulher que trabalha é bastante específica, talvez pelas condições típicas do nosso Estado, tais como nível educacional, estrutura etária, composição rural urbana da população, padrões culturais e estrutura sócio-econômica entre outras (Silva, 1977).

TABELA 2

**PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA FORÇA DE TRABALHO
RIO GRANDE DO SUL E BRASIL
1920/1970**

ANO	RIO GRANDE DO SUL		BRASIL	
	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%
1920	84.545	12,9	1.171.178	12,7
1940	246.675	20,6	2.799.630	19,0
1950	237.555	17,0	2.499.612	14,6
1970	560.460	24,7	6.165.447	20,9

FORNTE: IBGE, CENSOS DEMOGRÁFICOS
In SILVA, Lorena. Mulher e Trabalho, 1920/70. (1977).

Com o auxílio destes dados, Silva (1977) chegou as seguintes conclusões:

- a) no RS , a taxa de ocupação é superior à do Brasil;
- b) a participação feminina na força de trabalho é maior no RS que no Brasil;
- c) tanto no RS como no Brasil, as duas dimensões do trabalho da mulher, como já ficou referido, apresentam uma tendência crescente, porém, no RS esta tendência é mais acentuada, distanciando-se das proporções alcançadas no Brasil.

Já não fosse o tema da dupla jornada de trabalho da mulher interessante por si só, e digno de um estudo mais cuidadoso, agora acrescido destas contribuições que demonstram a necessidade que a mulher gaúcha tem de sair de suas casas em busca de um emprego, de uma forma mais intensa do que suas companheiras das outras regiões do Brasil, torna-se agora esta estudiosa das questões feministas ainda mais motivada pela especificidade do assunto.

A leitura das tabelas abaixo poderá enriquecer a questão do aproveitamento da mão-de-obra feminina, que tem no setor terciário seu maior espaço e dentro deste as profissionais da educação ocupando lugar de destaque, perdendo apenas para os serviços domésticos.

TABELA 3

PARTICIPAÇÃO DA MULHER NOS RAMOS DO TERCIÁRIO
RIO GRANDE DO SUL - 1920/1970
 (%)*

	1920	1940	1950	1970
1. Serviços de Produção	2,9	5,4	9,1	15,8
Comércio	3,5	7,3	12,3	20,7
Transp./Comunicação	1,8	2,3	3,7	4,8
2. Serviços Cons. Ind.	63,1	63,5	68,5	70,3
Serviços Pessoais	-	19,2	23,5	30,9
Domestic. Remun.	82,1	80,8	94,6	97,5
Prof. Liberais	16,9	17,7	22,6	23,9
3. Serv. Cons. Coletivo	20,7	36,1	46,4	62,6
Adm./Justiça	4,4	7,0	10,0	21,6
Educação	59,5	72,6	77,4	82,6
Saúde	-	55,4	72,7	72,7

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE - CENSOS DEMOGRÁFICOS, In SILVA (1977).

* A porcentagem é em relação à participação masculina.

Em 1920, apenas 20,7% do pessoal ocupado nos serviços de consumo coletivo era constituído de mulheres. Esta participação vai, no entanto, aumentando vertiginosamente ao longo do período, tornando-se majoritária em 1970, quando atinge 62,6%. Dentro de cada categoria que integra estes serviços, eleva-se continuamente a participação feminina que, nos serviços de educação e saúde, desde 1940, é superior à masculina.

TABELA 4

**DISTRIBUIÇÃO DA MÃO-DE-OBRA FEMININA NOS
SERVIÇOS DE CONSUMO COLETIVO
RIO GRANDE DO SUL - 20/70**

SERVIÇOS	1920	1940	1950	1970
Administ./Inst.	15,1	9,4	8,7	9,0
Educação	84,9	67,9	65,8	71,2
Saúde	-	17,3	18,3	14,6
Outros	-	5,4	7,2	5,2

FONTE: IBGE - CENSOS DEMOGRÁFICOS, In SILVA (1977).

Examinando-se a distribuição interna das mulheres ocupadas nestes serviços na última tabela, pode-se ver a importância que tem a educação no emprego relativo, importância que não diminui diante das variações ocorridas.

Dada a importância que têm os serviços de Educação, tanto no conjunto dos Serviços de Consumo Coletivo, quanto no conjunto de terciário, procuramos verificar a relação entre ocupação feminina e masculina nos diversos níveis daqueles serviços. Pode-se observar então uma relação negativa entre a participação feminina e a elevação naqueles níveis: em 1973, 78,1% dos professores primários eram mulheres; no 2º grau esta participação diminui para 54,4% e no corpo docente de nível superior, apenas 26,9% são mulheres.

Estas proporções já representam, no entanto, alguma elevação em relação a momentos anteriores. Em 1963, a

participação da mulher no ensino superior era de apenas 13,3%, e no secundário, em 1966, 52% (Silva, 1977).

2.2.1 - MAGISTÉRIO: UMA CARREIRA ESCOLHIDA POR OPÇÃO OU POR CONTINGÊNCIAS?

Os dados estão agrupados de acordo com o nível de realização profissional que o magistério proporciona às mulheres entrevistadas. Para tanto as citações apresentadas seguem a ordem da insatisfação à satisfação, conforme a palavra da própria respondente.

"Olha, propriamente não foi uma escolha, foi uma imposição. Na cidade onde nós morávamos ou fazia o Normal ou teria que fazer o científico e o científico era à noite e guirã não saía para estudar à noite, para minha mãe, o meu pai. E também já mais com previsão ao futuro, que a mãe tem aquela concepção que professora é uma boa profissão. Então ela pediu, pediu não, me colocou, a fazer o magistério" (Maria Beatriz).

"No meu caso, por exemplo, todo o mundo ficou satisfeito porque eu segui o magistério porque era uma profissão que dava pra conciliar perfeitamente com marido e filho" (Maria do Céu).

Estas duas posições acima nos dão uma idéia geral de como a maioria das nossas entrevistadas tornaram-se professoras.

A questão verificada nestes casos é que os pais traçam não só os estudos que seus filhos devem seguir como têm sua atenção voltada também para suas carreiras futuras, ou seja, nesta escola alvo, a maioria das mulheres en

trevistadas tornou-se professora por vários outros motivos que não a simples opção de seguir uma profissão que lhe agradasse.

Assim, a imposição familiar, gerada nos tempos em que a mulher está em sua condição de solteira, desenrola-se pelo resto de sua vida.

"Primeiro eu não queria fazer o magistério. Aí o meu pai, tu sabe o que é pai, eu queria fazer o 2º grau, científico naquela época, e eu me matriculei e o meu pai não me deixou porque era de noite. Aí fiz o magistério - o Normal. Trabalhar no que tinha para se trabalhar, no magistério, então foi isso" (...) Eu gostaria de trocar de profissão (...) Se eu pudesse queria ter uma butique" (Eulália).

Uma particularidade encontrada nesta escola é que muitas professoras são oriundas do interior do estado, de cidades pequenas onde às vezes não existia faculdade e que só vieram para Porto Alegre quando já tinham suas carreiras profissionais definidas, sendo que algumas já acumulavam muitos anos de serviço.

Há clara evidência de que algumas teriam escolhido outra profissão, principalmente a Medicina se tivessem realmente podido optar.

Outro fato é que, apesar de algumas não estarem satisfeitas com a profissão, não têm condições de trocá-la por outra, já que necessitariam para isto fazer outra faculdade, o que implicaria tempo e dinheiro.

"(...) eu sou do interior, e no interior é Magistério a primeira coisa. As pessoas não aceitam também outra profissão para a mulher. Então eu fiz o Normal e aí comecei a lecionar lá mesmo. Mas eu não queria ficar no Magistério, eu pretendia outra coisa, mas aí fui ficando por necessidade. E só depois que eu vim pra cá (...)" (Maria Dalva).

"Se eu pudesse, se eu soubesse há vinte anos atrás, eu nunca teria feito o Magistério. (...) Viajei dois anos para a Alemanha para a UNISINOS, fiz um ano inteiro de curso linguístico, isso há dez anos atrás, né, que eu já não era mais tão jovem, e sempre fazendo curso, me aperfeiçoando, aperfeiçoando a língua alemã para estar numa estaca assim salarial. É normal, a pessoa se esforça, ela também quer economicamente ser recompensada. Isto de fato neste aspecto eu não fui recompensada" (Iraci).

"Seu eu fosse mais jovem, talvez (gostaria de trocar de profissão) em lugar de professora teria sido médica. O meu pai não deixou fazer porque naquela época, tem que ver a idade que eu tenho, pensava-se ... ah, a minha filha tem que sair de noite para atender paciente, ah, não. Achava uma coisa que não podia ser. Então me convenceram a tirar isso que era vontade de meu pai, para não sair de noite sozinha" (Rosália).

Bem, nesta escola há, como dissemos, uma grande maioria que recorreu ao magistério por contingência, principalmente familiares e/ou geográficas, e há também as que tiveram sua opção ligada a um processo de alienação ou medo, demonstrando assim uma baixa auto-estima relativa às suas condições de oprimidas por uma estrutura patriarcal. Existem ainda aquelas que tornaram-se professoras como resultado de uma não opção, talvez também relacionada com o tipo de auto-estima acima mencionada.

"Eu fiz Normal, depois fiz Letras (...) Eu não tinha queda especial para nada" (Karla).

"Eu ia tirar Direito, aĩ, depois, eu fiz vestibular, rodei. Aĩ resolvi, então, ser professora porque era mais fácil, eu não estava a fim de estudar para outro vestibular" (Maria Antônia).

"Escolhi (ser professora) pelo seguinte: a minha vontade era ser médica. Mas como fiz três vestibulares e não passei, cansei, então resolvi ir para a UNISINOS (...)" (Maria da Glória).

"(...) o outro motivo: (de ser professora) o medo, porque na realidade eu queria fazer Medicina ou Odonto, mas o medo de não passar no vestibular, porque eu achava, naquela época, que foi em 1968, em Caxias não tinha Curso Prê-Vestibular nenhum. (...) Então eu não queria enfrentar o vestibular e rodar. (...) Então eu não enfrentei uma outra profissão por medo de rodar no vestibular. Por isto eu não tentei ainda. Eu podia ter tentado" (Maria Imaculada)

"Escolhi ser professora, basicamente, por alienação, eu acho. Quando eu fiz o vestibular era o segundo ano do Unificado, então a gente podia, dependendo do lugar que tu alcançavas, tu entravas com a opção básica, quer dizer, tu não estavas na Universidade, tu estavas no Básico. E foi com essa opção que eu entrei. Aĩ eu queria Medicina, e botei primeira opção - Medicina. Bom, mas dentro do Básico, depois do remanejamento podia fazer de novo a escolha, eu tinha feito amizade com um grupinho, que uma delas, em primeira opção tinha posto Letras, então, eu digo eu vou pra Letras, também. Eu gosto de Inglês" (Nara).

Como falamos anteriormente, queremos crer que esta (não) escolha por uma profissão tipicamente feminina como o magistério está relacionada com uma baixa auto-estima que resultou da opressão gerada pela estrutura patriarcal, ou seja, a família centralizada na figura do pai, reprodutora e mantenedora de todos os valores da sociedade clausurista como nos referimos na p.25, no capítulo referente à opressão feminina.

Com referência a este assunto, Vecchio (1985) teve os seguintes comentários:

"A geração educada na década de 50 e 60 (onde se insere a autora da dissertação e algumas das entrevistadas) teve seus conceitos baseados em valores antigos, especialmente com relação aos afazeres domésticos e sua posição dentro de casa como uma dependente, submissa à vontade do marido. No entanto, já a partir de 1970, a sociedade cobrou: "Saia, seja autônoma, brigue pelos seus direitos de igualdade; entre no mercado formal de trabalho e reivindique salários iguais aos dos homens". Isso, evidentemente gerou um conflito na grande maioria das mulheres. Mas é a própria mulher quem tem que resolver, sabendo ocupar o seu lugar, distribuindo bem as tarefas e acreditando em si mesma. Estes dados são relevantes, porque existe uma pesquisa nos Estados Unidos que mostra que as mulheres têm aspirações abaixo do seu QI, enquanto que os homens têm acima. Isto significa que a insegurança transmitida através de um núcleo adquirido de educação ainda não está resolvida. É nestas circunstâncias que, por enquanto, a mulher se coloca em desníveis até pelo tipo de profissão que escolhe para exercer fora de casa" (ZH, 21/07/85).

Segundo Oakley (1977) os trabalhos tradicionalmente femininos respondem às idéias convencionais sobre os papéis que devem ser exercidos por cada gênero não sendo estes naturais e específicos de cada sexo. Podemos, agora, após os depoimentos acima, entender melhor o porquê das altas taxas de participação feminina no corpo docente do Brasil, principalmente nos níveis de 1º e 2º graus (Ver tabela 1, p.51).

Vê-se também confirmada pelas entrevistadas a referência bibliográfica da p.54, onde a participação feminina nos serviços de educação e saúde, desde 1940,

é superior à masculina, visto serem profissões tipicamente femininas.

"Nessa profissão de construção civil, a mulher não é aceita" (...) (Dalva).

"(...) Parece que uma carreira de mulher ainda é o agistério.

O Magistério é um, a Medicina também, a mulher tem procurado muito a Saúde, a Educação, eu acho que é mais fácil para a mulher do que para o homem a Educação e a Saúde" (Maria Helena).

Poderia-se indagar por que é mais fácil para a mulher este tipo de emprego, sendo que são profissões que exigem muita abdicção e abnegação; as próprias entrevistadas respondem:

"Pelo fato, talvez, da mulher ser mais dócil, aceite mais" (Dalva).

"Bem, eu também penso que a mulher faz melhor as coisas. É mais interessada no trabalho, é mais pontual" (Maria Helena).

As duas afirmações acima gostaria de traduzir para: as mulheres são treinadas pela nossa sociedade para serem exploradas e não terem muita consciência de sua situação.

Há também as que dizem gostar da profissão ainda que tenham sido levadas à carreira por imposições familiares.

"Mas minha mãe hoje se dá conta que eu estudei pra professora porque não tinha outra profissão na cidade, depois graças a Deus que eu gostei, tu já imaginou se eu não gostasse, seria uma pessoa superfrustrada".
(Paula).

E isto leva a pensar se todas as outras mulheres que seguiram a carreira conseguiram ficar gostando da profissão ou se acabaram suas vidas superfrustradas.

Até que ponto as professoras que simplesmente se resignaram com suas profissões transmitem aos seus alunos suas frustrações o que sem dúvida se reflete em seus desempenhos profissionais? Sem esquecer que a insatisfação com seu nível de realização profissional incorpora-se o baixo índice salarial, agravando o quadro.

Como vimos, os depoimentos prestados levaram-me a ter uma visão pessimista, ainda que real, da situação destas mulheres.

Quais seriam os caminhos que a mulher deveria seguir para melhorar suas condições de realização profissional?

A resposta que logo vem a mente é "caminhan-te não há caminho, o caminho se faz ao andar", mas como a mesma parece um pouco individual embora cheia de garra, lembramos de sugerir maior participação nos órgãos competentes como CEPERGS e grupos feministas. (Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul).

3. O PAPEL DA EDUCAÇÃO
NA OPRESSÃO DA MULHER

3. O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA OPRESSÃO DA MULHER

A partir do momento em que admite-se a condição de inferioridade da mulher imposta por todos os fatores já citados, tentarei ver agora o papel da educação na opressão feminina, e quando me refiro à educação é aquela dada em casa e na rua, a chamada educação não formal, e a educação transmitida na escola ou a educação formal.

Para uma discussão sobre a influência da educação na formação da mulher irei me apoiar em Oakley (1977) e na diferenciação que ela acentua entre sexo e gênero.

Sexo, para esta autora, é um termo biológico, sendo que gênero é um termo psicológico e cultural. O senso comum nos leva a acreditar que se trata simplesmente de duas formas diferentes para se referir a uma mesma coisa e que, se uma pessoa tem sexo feminino, ela pertence automaticamente ao mesmo gênero. Porém, a realidade não é tão simples assim. Ser homem ou mulher é algo que depende tanto da roupa, dos gestos, do trabalho, das relações sociais e da personalidade, como do tipo de órgãos genitais que o indivíduo apresenta.

É correto afirmar, segundo Oakley (1977), que todas as sociedades utilizam o sexo biológico como critério para a atribuição do gênero, mas também é certo que não existem culturas que estejam completamente de acordo sobre as diferenças existentes entre estes gêneros, ou seja, as

características imediatas entre macho e masculino e fêmea e feminino.

Assim atribuídas, as diferenças entre os sexos serão naturais e entre os gêneros serão culturais; na verdade, as diferenças biológicas entre os sexos, ao contrário do que afirma a crença popular, não são, na maioria dos casos, mais importantes que as diferenças a nível individual.

Como se vê, se as desigualdades entre homem e mulher são de um lado bastante sutis, de outro estão firmemente institucionalizadas na nossa sociedade, sendo que este aspecto referente aos papéis de cada gênero é, provavelmente, o mais difícil de mudar, senão vejamos: o papel de dar à luz é uma função biológica, próprio da fêmea, o trabalho de cuidar da criança é uma função econômica-social e sexualmente neutra. Mas o que acontece na prática? Ambos são realizados pela mulher. Por quê?

As meninas brincam de bonecas dentro de casa enquanto os meninos jogam bola na rua. Por quê?

Souza (1981) parece ter uma das respostas satisfatórias para as questões acima:

"Sem dúvida a educação de crianças não é exatamente a mesma para ambos os sexos, pois os pais transmitem aos filhos os próprios valores sobre o masculino e o feminino, o que são como homens e mulheres. E as crianças, estando inevitavelmente expostas a estas imagens, aprendem a valorizá-las e internalizam atitudes como parte de seu papel sexual. Sendo assim, a identidade sexual é moldada pela cultura, que determina os comportamentos e atitudes considerados "típicos" de cada sexo".

Alves e Pitanguy (1983), também concordam com os comentários anteriores quando apresentam o "masculino" e o "feminino" como criações culturais adquiridas através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. Aprendemos, assim, a ser homens e mulheres e a aceitar como "naturais" as relações de poder entre os sexos. A menina, desta maneira, aprende a ser doce, obediente, passiva, altruísta, dependente, enquanto o menino aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente, como se tais qualidades fossem parte de suas próprias "naturezas". Da mesma forma, a mulher seria emocional, sentimental, incapaz para as abstrações das ciências e da vida intelectual em geral, enquanto a natureza do homem seria mais propícia à racionalidade.

Agora que já vimos alguns fatos sobre a educação transmitida fora da escola nos voltamos para dentro da mesma:

"O ensino formal, em seus diversos níveis, apesar da igualdade constitucional de oportunidades educacionais entre homens e mulheres, e da miscigenação sexual teórica e legal das escolas, vem atuando no sentido de segregar os sexos por ramos e áreas de conhecimento. A consequência direta em termos de trabalho profissional é que este sistema vem fornecendo (pelo menos) argumentos para a segregação ocupacional, que constitui um fator limitador da participação da mulher na força de trabalho. Isto, por sua vez, acarreta diferenças de salário e de "status" entre os trabalhadores masculinos e femininos, que impede o desenvolvimento integral da personalidade ou da pessoa do educando". (Rosemberg, Pinto e Negrão, 1982).

As questões que gostaria de desenvolver no decorrer deste capítulo são as seguintes: já foi visto que uma das causas que contribuiu para a reprodução da opressão da mulher é o tipo de educação que ela recebe. Tão importante quanto este fator é o papel que ela própria desempenha na transmissão desta opressão, ou seja, na ambivalência existente da oprimida reproduzir a sua própria opressão, repassando valores que sempre foram desfavoráveis para seu próprio sexo. Isto é agravado pelo fato de reafirmarem para o sexo oposto a sua condição de opressores. Fechando o círculo, de um lado encontra-se a família e a sociedade educando a mulher para que reproduza e transmita sua própria opressão, tornando-a uma pessoa apta para atender devidamente as demandas da família patriarcal e do modo de produção vigente. Isto continuaria revelando-se uma situação muito cômoda (para a família) e econômica (para o Estado) não fosse estar surgindo o último item que quero abordar: os mecanismos através dos quais a mulher consegue "furar" os dois primeiros processos de opressão e reprodução femininos.

Para tanto, os movimentos feministas em muito contribuíram, a partir da década de 70, quando começaram a questionar as raízes culturais das desigualdades políticas, trabalhistas e civis.

Denunciando a mística de um "eterno feminino", ou seja, a crença na inferioridade "natural" da mulher calcada em fatores biológicos, ele questiona a idéia de que os homens e mulheres estariam predeterminados, por sua própria natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade: ao homem, o mundo externo; à mulher, por sua função procriadora, mas cara uma hierarquia que delega ao homem a posição de mando (Alves e Pitanguy, 1983).

Segundo estas mesmas autoras, o movimento feminista procura, através de uma nova ação pedagógica, demonstrar como os livros didáticos reproduzem a imagem tradicional da mulher e confirmam a diferenciação de papéis, tanto no lar quanto na esfera profissional: a mulher costura, cozinha ou varre, o homem lê o jornal; a mulher é enfermeira ou secretária, o homem, médico ou executivo.

A própria mulher tem desenvolvido um papel muito importante, enquanto professora e mãe, na transmissão destes valores tradicionais, sendo a superação do machismo na educação uma das principais metas do movimento feminista. (Alves e Pintanguy, 1983)

A partir do momento em que as mulheres começam a tomar conhecimento de que não estão sozinhas e de que seus problemas são comuns, elas passam a interessar-se mais por elas próprias e a tentar alguma forma de solução para seus anseios.

O papel dos movimentos feministas é trazer o individual para o campo do político, tornando-o coletivo, demonstrando que o ser social não se esgota na experiência de sua classe, bem como lançar a semente do questionamento e da reivindicação na consciência das mulheres que, vivendo anonimamente o seu cotidiano, vêm tentando transformá-lo e recriar a sua relação com o mundo, com os companheiros, com os filhos e consigo mesmas (Alves e Pitanguy, 1983).

3.1 - INSTRUMENTOS DE REPRODUÇÃO DA OPRESSÃO

3.1.1 - ENSINO NÃO FORMAL

Os dados aqui agrupados seguem a ordem de maior a menor influência da educação na opressão feminina.

Por educação não formal entendemos, além daquela transmitida no círculo familiar, a outra que, embora muito sutil, também e por isso mesmo possa ser mais perigosa quando mal utilizada, como costuma ser, que é a dos meios de comunicação e da religião.

A educação diferenciada dada pela família a crianças de sexos diferentes é tida como algo "*natural*". palavra mágica que se utiliza para explicar tudo aquilo para o qual não temos explicação.

É com a frase "*homem não chora*" que inocentemente inculcamos a polarização sexista educacional em nossos filhos.

A dualidade de valores e princípios que os pais transmitem para suas crianças varia desde as cores no vestir até os padrões de moralidade, onde dois pesos e duas medidas privilegiam em termos de liberdade de opções sexo masculino.

Poder-se-ia mesmo dizer que a família cria os filhos homens para o mundo e as filhas para fazerem companhia as suas mães.

Vejamos alguns fragmentos de nossas entrevistas em que podem nos auxiliar para entendermos melhor essas questões, respondendo à pergunta: Tu pensas que a educação que os pais dão para os filhos homens é igual a das meninas? Zu falando:

"Eu acho que sim. Igual assim no sentido, por exemplo, educação do filho mostrando a tarefa do homem para o homem e da mulher para a mulher. Pelo tipo de formação que eu tive dentro de casa - homem pra isso, mulher pra aquilo, a educação foi a mesma.

Que o homem, por exemplo, deveria ter o papel dele na rua, e a mulher era a dona da cozinha. Mas em termos de educação, filho pra filho, eu acho que foi assim igual. Em termos gerais" (Zu).

Questionada sobre a igualdade desta educação, Zu esclarece:

"Eu não fui educada pra ficar na cozinha, as coisas se processaram assim, e eu tive a visão delas assim. E ele (o irmão) conforme o pai agia ele parece que foi induzido assim. Mas a educação foi dada da mesma forma, com diferenciação de sexo, pelo tipo de criação" (Zu).

Jussara respondendo à mesma pergunta:

"Eu acho que é diferente, inclusive nos dias de hoje, os meninos são educados diferente das meninas, de um modo geral. Começando pelos brinquedos que já são diferentes, os pais estimulam a brincar com isso, brincar com aquilo. Têm brincadeiras que as gurias não gostam, eu noto pelos meus sobrinhos, que as gurias ficam em torno de uma mesinha, com umas canetinhas e uma coisinha e tudo bem. Os guris não, os guris não que rem saber. Eles vão atrás de uma bola, eles

querem mais atividade. Então eu não sei se é uma coisa que faça parte, realmente, do sexo, ou se é apenas educação, porque a impressão que eu tenho é que naturalmente eles procuram. Aí eu acho que é uma tendência natural, não é fruto da educação. Agora o que eu acho que seja fruto da educação é aquele negócio - menino não chora, o guri tem que se defender e a menina não" (Jussara).

lha: Maria Dona referindo-se a sua educação na família:

"Os homens eram preparados para trabalhar fora e em casa para ser bajulados. Inclusive, assim, na minha casa eles tinham lugar na mesa. Eu me lembro disso, assim, bem claro. Cada um tinha o seu lugar. Eu tinha um irmão que ninguém podia sentar naquele lugar. Ele podia chegar tarde que aquele lugar ficava esperando por ele" (Maria Dona).

Como pode-se ver acontece de muitas vezes as mulheres não se darem conta de que estão tendo uma educação diferenciada como no caso de Zu, ou de acharem que é algo natural como acontece com Jussara; ou mesmo percebendo a diferenciação sexista, nada fazerem para alterar os fatos como Maria Dona.

Concordo com Albornoz e Carrion (1985) quando dizem que mesmo que a opressão da mulher se dê nas várias esferas da sociedade, a influência da educação na diferenciação dos papéis entre homem e mulher é determinante pois se tomarmos a trajetória de uma mulher, ver-se-á que a situação de inferioridade feminina vai se dando desde a pequena infância, através da educação familiar, sendo complementada pela escola.

Segundo estas autoras, constituindo-se a família no grupo social onde é mais evidente a permanência do patriarcalismo, a educação familiar das mulheres se caracterizará por ser uma educação "diferente" da que é dada aos rapazes. Em geral, estes são mais estimulados a "lutar para vencer na vida", a tomarem uma atitude agressiva e ativa diante do mundo e da sociedade, enquanto as meninas são preparadas predominantemente para um papel social doméstico - de mãe e esposa - para o qual se exige desenvolver qualidades de passividade e submissão. O papel social doméstico e subalterno para o qual somos condicionadas têm sua importância econômica na medida que é através da atividade doméstica (gratuita) desenvolvida pelas mulheres que são atendidas necessidades básicas como dimensão dos trabalhadores e demais serviços domésticos, indispensáveis à reprodução da força de trabalho. Este papel doméstico encontra sua base psicológica num sentimento de inferioridade e incapacidade desenvolvido na menina pela família através da educação discriminadora, como havíamos escrito na página 59.

O que fica claro é que, em primeiro lugar, ainda que pareça óbvio, temos que tomar consciência de que a educação que os pais dão para seus filhos de sexos opostos é diferenciada.

A pergunta, mais uma vez óbvia, que ocorre é? Por quê? Não arriscamos a dar respostas definitivas, mas apenas a levantar alguns pressupostos que poderão nos auxiliar.

Conforme já verificou-se no capítulo referente à opressão feminina, esta tem servido para, entre outras coisas, atrelar a mulher ao lar fazendo que ela em muito con-

tribua com seu trabalho invisível para que o Estado possa economizar na manutenção de seus trabalhadores, não fornecendo-lhes uma infra-estrutura desejada como serviços coletivos de creches, restaurantes e lavanderias.

Presta-se então a família patriarcal a transmitir estes valores que serão mais tarde corroborados pela escola e pela própria sociedade.

Vejamos mais alguns depoimentos quanto a mesma pergunta relativa à educação diferenciada, mas dada por mulheres que julgamos mais lúcidas referente a esta problemática.

"Não. Atualmente, acho que sim. Mas no meu tempo, antigamente, não era. E acho que a educação que eu tive foi uma farsa, uma palhaçada. Vou te ser bem sincera. Porque eu não aprendi nada da vida, não me ensinaram nada, me protegeram, e só me ensinaram o que era certo ou errado. Quanto à minha educação sexual, eu jamais tive uma conversa franca sobre educação sexual. Eu casei sem saber horrores de coisa. E eu acho que a acham, assim, autocríticos de impor aos filhos, quando eles não têm moral, realmente eu acho que a geração dos nossos pais - eu vou usar um termo bem grosseiro - são sem vergonha - por natureza. O homem da idade do meu pai é um homem sem-vergonha, por natureza, de amoral. Não que o meu pai seja, mas os homens da sociedade. E quem nos incutiu toda a malícia, foram eles, entende. A educação que eles nos deram foi uma educação que eu recebi. E até a gente se dar conta disso, já está velha. Eu acho que tu tens que transmitir pra os teus filhos o mais aberto e o mais possível em tudo pra o teu filho ter condições de saber, e não só saber que está errado mas não explica por que está errado. É porque ele diz que é. Então é aquela coisa imposta que, de repente, tu não sabes mais o que é certo e o que é errado. Eu acho que hoje em dia a educação está muito mais autêntica" (Dalva).

"De maneira nenhuma. Infelizmente. E mesmo lá em casa tentaram, tentaram bastante, mas não conseguiram muito. Mas a gente teve que segurar por necessidade, mesmo. Não tinha quem levasse num lugar, então todos nós dirigimos, todos nós saímos de noite, então a gente faz o que tem que fazer, não tem um pai que leve, um irmão que leve. Infelizmente os pais tentam, mas não tentam muito. Eu acho que intimamente eles não gostariam que as filhas - até cai naquela história que a filha se faz muito e vira, faz e acontece e vira sapatão. E acho que até hoje as pessoas ficam olhando uma mulher dirigir um carro, pois deveriam tentar ser um pouquinho mais coerentes, na hora de educar um filho homem e uma filha mulher e tentar ensinar de tudo pra os dois, pra aprenderem tudo o que tem de aprender. A minha tia tem três filhos homens, trabalha de manhã, ela sai os guris arrumam a casa, é a educação que ela deu. Ela deu a educação assim, eles tinham que ajudar, ela trabalhava de manhã, eles é que tinham de fazer. E numa boa, acham a coisa mais natural" (Socorro).

"Eu acho que a mulher deve educar o homem, porque o homem é muito mal-educado pela mãe. A mãe mal educa eles e depois eles vêm para a gente cheios de manias. Tem que educá-los também, como a gente educa os filhos, educá-los; mostrar que a gente vive numa comunidade e cada um tem que dar a sua participação" (Xênia).

Quero crer que Dalva, Socorro e Xênia tenham uma melhor estrutura que lhes permita ter um papel de transformação dentro da escola, ou seja, a educação formal não reforçará para elas e para seus alunos os mesmos valores contra os quais elas já se rebelaram dentro da própria família.

Recorrendo mais uma vez a Albornoz e Carrion (1985) vê-se que, ao longo da história, a instituição familiar tem se transformado, adaptando-se aos diversos está-

gios do desenvolvimento da sociedade, ela continua sendo o lugar privilegiado de reprodução da opressão da mulher, em bora não seja o único onde esta opressão se dá. A escola também, dentro do nosso sistema social, exerce um papel fundamental na fabricação dos condicionamentos da mulher.

3.1.2 - ENSINO FORMAL

Agora que já foram levantados alguns pontos sobre a "educação de berço" e seu papel na opressão feminina passa rei para a educação dentro da escola, onde a mesma assume um papel mais incisivo e direcionado.

Já vimos no item referente às profissões tipicamente femininas que o motivo que levou as nossas entrevistadas a escolherem o magistério como profissão não foi exatamente "a vocação" mas sim uma estratégia de sobrevivência que a família teria imposto a elas.

Veja-se agora o discurso das mulheres referente à pergunta: em caso dos pais não poderem mandar para a escola todos os filhos, quais serão os preferidos?

"Tranqüilamente que uma família pobre vai dar preferência ao filho homem. Eu trabalho há sete anos numa escola de periferia e a gente tem contato quase diário com os pais de crianças, de adolescentes que são de classes sociais bastante inferiores e nós temos, muitas vezes, quando o pai tem problemas financeiros muito graves, falta comida em casa, ele não tem condições de manter os filhos na escola, os primeiros filhos que ele tira da escola são as meninas e depois os meninos são retirados. E geralmente, quando eles não têm mais condições de sobreviver,

eles colocam os rapazes a trabalhar mas os rapazes continuam a estudar. A mentalidade deles é de que a mulher não precisa estudar muito, elas têm que se preocupar mais com casamento, com a vida doméstica. Então eu posso te responder seguramente que nas classes mais baixas os primeiros a serem retirados da escola são as mulheres.

Também o que eles colocam pra gente é que o homem é chefe de família sempre, então ele tem que ter condições pra sustentar uma família, pra sustentar filhos, ao passo que a mulher, não, ela vai ser sustentada. Então esse é o motivo que os leva a retirar as meninas da escola e, em último caso, os rapazes" (Clara).

Também o homem. A minha madraستا é um exemplo. Os filhos homens foram estudar, e as mulheres aprender prendas domésticas, cozinhar, costurar. Não saíam de casa as filhas" (Dalva).

"A minha família é italiana, então tem muita história no meio disso: os filhos homens herdaram a maior parte da herança que o meu avô deixou, os filhos homens estudaram mais que as filhas mulheres, quer dizer tudo assim. Mas hoje em dia não sei se as pessoas fazem muita diferença. Acho que no fim acabam optando pelo homem porque acham que o homem tem mais capacidade. A mulher tem as suas limitações. Os pais acham que elas têm, eu não acho. Entre o filho homem e a filha mulher, o filho homem tem mais condições porque ele foi criado na rua, então ele aprendeu muito mais coisas. Pode notar que o guri é mais ligado a certas coisas porque ele foi criado na rua, do que uma guria. Ele sabe arrumar uma bicicleta, uma guria não sabe. Então acabam investindo mais no filho. Eu tenho exemplos em casa, acabam investindo mais no filho homem. Infelizmente, acontece. O filho homem estuda, a filha mulher não precisa estudar ou se dedica a afazeres domésticos, ou tem que achar um marido pra casar" (Socorro).

Para esta pergunta quanto à seletividade do sexo para a escolarização, obtive uma unanimidade de respos-

tas, o que talvez tenha sido influenciada pela nossa localização de região sul.

A seguir, algumas tabelas que auxiliarão no desenvolvimento deste raciocínio.

TABELA 5

**TAXAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA NA POPULAÇÃO ESTUDANTIL,
POR CONDIÇÃO DE ATIVIDADE - 1976
(BRASIL)**

CATEGORIA	REGIÃO NORDESTE	SÃO PAULO
Exterior à P.E.A. frequentando escola	56,3	50,5
Na P.E.A. frequentando escola	49,0	40,1

FONTE: PNAD, 1976. In BARROSO, 1982.

TABELA 6

**CONDIÇÃO DE NÃO INCORPORAÇÃO NA P.E.A. - 1976
(BRASIL)**

CONDIÇÃO	NORDESTE		SÃO PAULO	
	FILHOS	FILHAS	FILHOS	FILHAS
Afazeres domésticos	3,4	37,4	0,1	17,0
Frequentando escola	72,7	55,1	88,4	76,7
Outras*	23,9	7,5	11,5	6,3

*Em outras estão incluídas todas as demais categorias.
FONTE: PNAD, 1976. In BARROSO, 1982.

Quando os filhos não integram a força de trabalho, por opção da família ou por não-aceitação do mercado, a possibilidade de estudar reparte-se diferentemente entre os sexos, com privilégio dos homens: um menor número de filhas que de filhos exteriores à população economicamente ativa frequenta a escola, dedicando-se, neste caso, aos afazeres domésticos. Apesar de presente nas duas regiões consideradas, a discrepância entre filhos e filhas é muito mais acentuada no Nordeste do que em São Paulo. Talvez o maior número de filhas inativas, ocupadas em afazeres domésticos acima indicada, possibilite que outras mulheres da família sejam liberadas de tais afazeres. Ao invés de uma dupla jornada de trabalho, estas mulheres dedicariam parte de seu tempo aos estudos (Barroso, 1982).

Concordo com o acima exposto embora ressaltando que, se estas jovens, ao invés de dedicar seu tempo ao trabalho o estão dedicando ao estudo, a sua jornada ainda permanece dupla por mais frutífero que possa parecer estudar ao invés de trabalhar.

O que apareceu muito claramente em nossos dados foi que as mulheres estudam com o objetivo muito definido de ocupar um lugar no mercado de trabalho e quando esta finalidade é alcançada elas param de estudar, ou seja, o ensino não é visto como uma atividade enriquecedora e nem ao menos diletante.

Se porventura continuam fazendo algum curso, não é pra complementar seus conhecimentos e sim seu salário, não importando a disparidade que possa vir a existir entre sua formação e uma possível pós-graduação.

Algumas, inclusive, tentam a complementariedade de seus salários com outra profissão totalmente diferente que a de professora, principalmente no caso das solteiras, por terem mais tempo disponível e por não contarem com a renda do marido.

Referente à pergunta: "Tu estás estudando atualmente? Gostarias de ter estudado por mais tempo ou estás estudando agora?" Obtive as seguintes respostas:¹⁵

- Tu estás estudando atualmente? (Autora)
"Não" (Fernanda).
- Gostarias de estar estudando alguma coisa? (Autora)
"Gostaria, sim. A nível de gostar, de expectativa, eu não gostaria. Eu tenho que fazer um pões pra ganhar mais. Mas não tenho saco de assistir aula" (Fernanda).
- Mas vais fazer? (Autora)
"Vou. Vou fazer um pões" (Fernanda).
- Sõ por questões econômicas? (Autora)
"Sõ por questões econômicas" (Fernanda).

Maria da Glória respondendo as mesmas questões anteriores:

"Não, graças a Deus. Tomei um chã de estudo que não quero nem ouvir falar. Esses dias até eu fui numa cartomante, não que eu seja muito chegada, e ela disse: (Maria da Glória)

¹⁵A autora optou por uma nova forma de apresentação dos dados visando privilegiar a dinâmica dos diálogos.

- Olha, tu vais fazer um curso (Cartomante).
- Hein? Eu? (Maria da Glória).
- É o que eu estou vendo aqui nas cartas. (Cartomante).
- Não, só se for por brincadeira, porque eu não quero mais saber de curso de espécie alguma (Maria da Glória).
- Mas alguma coisa tu vais fazer, tem um curso na tua vida (Cartomante).
- Então só se for por acaso. Eu sempre estudei, adoro subir na vida, mas o meu maior problema era ter que estudar pras provas, eu não gosto de ter compromisso, isto de ficar em cima dos livros eu não gosto. Por causa disto eu esgotei" (Maria da Glória).

Segue outra respondente:

- Tu não estás estudando atualmente? (Autora)
- "Não" (Eulália).

- E nem gostarias de ter estudado por mais tempo. Não estás estudando porque não queres? (Autora)

"Porque eu não quero. Porque é o seguinte, Alba. Quando eu parei de estudar eu tinha que fazer alguma coisa. Estava formada em Desenho Plástico, então eu fazia outro trabalho. Lá em Passo Fundo, era mais fácil, aí vim aqui para Porto Alegre, então trabalhando 8 horas, depois ter que estudar. Não sei. Pelo que me contaram os colegas que estudavam - o curso não me atraía mesmo. Agora no momento que eu achasse um curso que me interessava mesmo, eu estudaria. Porque eu estou assim - trabalhando 8 horas e ainda ter que estudar todas as noites. Eu acho que ainda não cogitei até agora de fazer um curso, como todo o mundo está fazendo, até pra melhorar, é porque não me atrai nenhum mesmo. Tinha muita vontade de fazer um curso de História de Arte, não é, levei um ano inteiro com essas coisinhas, mas

vontade de estudar tenho porque acho que é um crescimento porque senão tu vais parando também. Mas não tem nenhum que eu tenha visto aí... Porque eu acho que as pessoas mais fazem, por exemplo, é o tal de curso de pós-graduação. Elas fazem só pra melhorar o nível. E eu acho que isso não interessa, claro, que interessa em parte. É muito bom. Mas fazer uma coisa que eu não estou gostando, eu só faço o que eu gosto, daquelas que eu posso escolher. Trabalhar é uma coisa que se tem que trabalhar, agora no que eu possa escolher então eu vou fazer alguma coisa que me agrada. Agora não vou fazer uma coisa só porque vai vir um dinheirinho ali. Eu não vou me sacrificar pra fazer uma coisa que eu não gosto. Não. Aí eu não acho motivo. Agora, estudar eu acho ótimo. Mas não assim qualquer coisa simplesmente pra melhorar. Aí não. Não gostaria, nem quero" (Eulália).

Um dos motivos que talvez leve Eulália a não fazer um curso de pós-graduação é seu nível econômico, pois além de vir de uma família com posses, é solteira, não tem dependentes e já alcançou o nível 5.

A seguir o depoimento de Paula:

- Tu estás estudando, atualmente? (Autora)
"Atualmente, não. Só faço cursinhos (Paula).
- Da tua área? (Autora)
"Não. Agora já é lazer. Faço yoga, faço um cursinho de decoração de vidros, leio muito, artes manuais (Paula).
- Tu gostarias de estar estudando? (Autora)
"Eu tenho vontade de fazer Direito. Direito, não pra abrir escritório, até porque hoje as leis são tantas, estão mudando tanto, as leis são tão importantes nos dias

de hoje, que eu acho que é uma profissão boa, embora tenha muita advogada atrás de balcão. Mas eu pensaria em termos de conhecimento. Se me fosse dado agora, se eu fosse mais jovem, fazer um Curso Universitário, eu faria Direito. Aquelas coisas de juventude, já passaram - Medicina e Engenharia já passaram. Direito eu acho que seria uma boa" (Paula).

- E tu não fazes por quê? (Autora)

"Eu acho que agora já passou o meu quarto de hora. Agora vou me aposentar e fazer coisas mais leves" (Paula).

Pode-se supor, segundo Mello (1977), que os mecanismos de seleção sócio-econômica responsável pela pirâmide de matrícula, no nosso ensino, não somente operam de modo diferente para os dois sexos, mas que, no caso da mulher, são reforçados por obstáculos representados pelos valores associados ao papel subordinado que lhe reserva a cultura. Se o momento crucial de seleção do homem é a passagem do 1º para o 2º grau, provavelmente por ser ele obrigado a trabalhar, isso ocorre também com a mulher, mas não de maneira tão acentuada, o que explica sua predominância quantitativa no 2º grau. Não encontrando alternativas de trabalho e não estando ainda em idade de casar, a jovem permanece na escola.

Isto no caso da universidade se reflete também, sendo a mesma considerada uma das mais efetivas agências matrimoniais.

Uma vez que a mulher se vê inserida no sistema de ensino, ela sofre duas vezes a pressão da sociedade para que seu comportamento atenda com plenitude às normas vigentes, e um dos exemplos que logo nos vem a mente é o protótipo da professora solteirona.

Se de um lado a família e a própria escola enca^uminham a mulher para o casamento, inclusive condenando a condição de mulher sozinha, de outro devem existir alguns fatores que entravam a possibilidade da mesma concretizar esse objetivo. É claro que não se pode negar os componentes individuais de cada uma optar por seu estado civil, mas muito mais que uma opção, a condição de solteira parece uma dificuldade em conciliar a carreira com marido e filhos, ainda que seja exatamente no magistério onde mais facilidades existam para essa dupla jornada.

A pergunta que fica é: quais as nuances existentes entre a obrigação de estudar para alcançar uma vaga no mercado de trabalho e o prazer do estudo, para se enriquecer como pessoa. Podem estes dois objetivos ser conciliados?

Não esquecer da matéria abordada no capítulo referente às profissões tipicamente femininas.

3.1.3 - A PROFESSORA ENQUANTO OPRESSORA

O que foi dito no parágrafo anterior leva a pensar que uma professora que exerça o papel de opressora, reproduzindo todo o peso que ela mesma carrega é, no mínimo, uma pessoa infeliz.

Portanto, concordamos com Albornoz e Carrion (1985) quando ensinam que a vinculação das mulheres com a educação deve ser vista sob um duplo ângulo: a mulher é discriminada pela educação, mas também é cúmplice da discriminação, enquanto é ela que educa, na família e em grande

parte na escola, pois a educação para a submissão se faz com o consentimento das próprias mulheres. Se são educadas para se conformarem a um papel doméstico (ou domesticado), por outro lado, é entregue em grande parte a elas a ação pedagógica (como professoras e mães), e a transmissão da ideologia dominante em nossa sociedade. Ao mesmo tempo em que são "educadas" para corresponder à imagem de mulher submissa, passiva e despolitizada, são os principais instrumentos desta inculcação, veiculando esta imagem tão necessária à manutenção da ordem estabelecida.

No depoimento abaixo¹⁶ tem-se uma visão caricatural da reprodução da educação sexista; gostaria de lembrar que este discurso é de uma professora de Religião com pós-graduação na área de Saúde, casada e com prole.

Maria Helena, respondendo à pergunta referente à feminilidade:

"Em primeiro lugar ela (a mulher) tem que se enfeitar, usar saia, vestido, não usar calça comprida, ser uma pessoa alegre, eu acho que a mulher deve ser alegre, sorridente, eu acho bem feminino. As pessoas podem até ser bonitas, mas sérias, perdem toda a graça. E o sentido maternal, eu acho, até mesmo sem ser casada, mas aquele lado maternal é tão característico, até não tendo filho, eu acho. Porque um homem com uma criança no colo não tem a mesma graça do que uma mulher com uma criança. (...)" (Maria Helena)

¹⁶ O discurso é, de uma certa forma, confuso, não demonstrando muita logicidade, assim retiramos alguns fragmentos que podem parecer soltos, por estarem fora do contexto, mas a verdade é que, mesmo dentro da entrevista, eles aparecem permeando todos os assuntos de uma forma isolada.

Nunca vou despertar o lado feminino, eu acho horrível homem efeminado (...) Fica todo efeminadinho... ah! ... eu sei lá... entende, aquele ti, ti, ti, o homem já faz aquilo (arrumar a casa) e se sente mulher. Isso é que eu não quero. (...) Isso é que eu tenho medo porque muitas mães caem naquele outro lado, mandam o filho fazer mas o filho já fica uma bonequinha, e já estragou tudo. Eu acho que a mãe não soube orientar. Uma coisa também que eu penso é descartar desde criança este gosto pelo feminino" (Maria Helena).

Maria Helena falando sobre a educação que seu pai deu:

"Deus o livre as gurias brincarem com os guriis" (Maria Helena).

- Por isto tu querias incentivar teu filho a brincar com as gurias? (Autora)

"Não. Não é esse lado aí. Esse, eu acho que até é um lado positivo. O meu pai é desses que Deus o livre guria brincar com guri. (...) Mas o pai, toda liberdade pra guri, mas nós, ... tá louco. Deus o livre. Não deixava os gurizinhos chegar nem no portão.

O meu esposo me contando as brincadeiras dele com os gurizinhos, o que faziam, pegavam 3, 4 guriis e amarravam os guriis e pegavam uma guriiazinha de 7, 8 anos e olha que ele tem 32 anos.

- Se tu tivesses uma filha mulher como irias proceder? (Autora)

"Ah! É lógico que eu não ia deixar ela brincar com guri. Eu ia cuidar bastante, porque não tem... não adianta, no momento que os dois sexos se encontram... eu me lembro que eu com 5 anos eu era bem viva e entendia bem de sexualidade. (...) Mas solta pra ti vê, solta pra ti vê se não fazem. Tem criança que imediatamente já começa e agora vendo TV muito mais ainda. Uma criança com 4 ou 5 anos já beija na

boca. Então vai despertando. Então claro que eu vou cuidar, mas eu vou dizer porque que eu não quero" (Maria Helena).

Como dissemos, Maria Helena é o protótipo da professora que teve uma educação opressora e a transmite da mesma forma como a recebeu, sem demonstrar um mínimo de senso crítico.

Concluimos este item concordando com Barroso (1982) que a dificuldade em romper de fato com o modelo dominante, além da palavra e da intenção, é muito grande hoje. Tanto é que ela se reflete apenas parcimoniosamente nos trabalhos, mais como acréscimo de uma nova tabela do que como reestruturação do todo.

Não tendo sido o único fator responsável, a inexistência de outros dados que levassem em conta outros aspectos da vida das mulheres impediu também a concretização de um modelo alternativo.

Mas é bem verdade que, se ainda não temos um modelo alternativo, nós temos exemplos isolados de mulheres que conseguiram de alguma forma romper com as normas que levam à reprodução de todos os padrões vigentes e que tão úteis são para a manutenção do modo de produção atual e para o patriarcado e contra a libertação da mulher.

3.2 - INSTRUMENTOS DE RESISTÊNCIA A REPRODUÇÃO DA OPRESSÃO

Evidentemente, a escola não serve apenas para a reprodução da ideologia dominante; ela traz dentro de si as contradições sociais, não apresentando um equilíbrio.

Por outro lado, o acesso ao conhecimento pode se constituir num processo de conscientização e em progressos reais, mesmo que parciais. Embora seja ingênuo esperar uma transformação da sociedade através da escola, esta oferece certos espaços para formação da consciência crítica e a afirmação de uma ideologia de transformação.

Para a análise correta da prática pedagógica e o papel do educador dentro dela, é preciso reconhecer o caráter contraditório desta prática: contribui tanto para formação do "produto" que o sistema espera da escola, quanto para o seu contrário (Albornoz e Carrion, 1985).

"Se tu não podes conseguir uma empregada, não podes comprar pão, quem é que vai fazer pra ti. Quer dizer, que faz parte da educação tanto da menina como do homem aprender a fazer as coisas. Agora se ele vai ter que fazer é outro departamento. Eu acho que até é uma defesa de vida, é um apoio que ele vai ter pra enfrentar para a vida. Ele não aprende a escrever, ler, desenhar? Então ele tem que fazer as coisas também. Saber como é que se faz uma comida, como é que se lava uma roupa, como é que se limpa uma casa, isso faz parte da educação dele. Não é aquela educação de colégio só, de conteúdo.

Na formação do homem em geral, tanto homem ou mulher tem que saber fazer tudo. Tu ensina ele a se defender na vida, quer dizer, tu tens que saber isso, tu tens que lutar contra isso, tu tens que te defender disso. Uma das coisas que acho que faz parte da formação dele é saber fazer coisas, e por que não saber fazer as coisas de dentro de casa?

Homem era outra educação. O homem podia tudo. Quanto mais fizesse mais homem ele seria. Quanto mais aprontasse. E a mulher não. Tinha todo aquele tabu em torno da mulher e ti-ti-tis e segredinhos, quando eu acho que não. Tem que ser uma coisa bem direta. Inclusive a parte de sexo, mesmo, e tudo. E eu acho que criança tem que aprender tudo

desde cedo pra poder se defender. Eu acho que a nossa geração da minha idade, 34 anos, muito cheia de tabus, de medos, de mistérios. Eu me considero uma pessoa que evoluiu tremendamente. Como é que eu vou dar aula, como é que eu vou tratar com adolescente, hoje em dia, se eu continuar com essa maneira de pensar. A gente tem que ter uma abertura total, nesse campo. Aceitar de terminadas coisas que é difícil tu aceitar" (Dalva).

- Tu achas que a educação que os pais dão para os filhos é a mesma que dão para as filhas? (Autora)

"Olha, eu acho que não foi a mesma, desde os brinquedos que a gente ganha já é diferenciado, mas no sentido assim de conversar, de atitudes assim como a gente, filha mulher, por exemplo, meu pai, ele teria hoje 82 anos, o meu pai era uma pessoa assim que dizia que só se vai ser independente, quando se for financeiramente. Mesmo que tu te cases, tens que ser independente financeiramente. A gente tinha 12 anos, vamos dizer, entrou no ginásio naquele tempo, tem uma excursão, ele dizia: tu vais nunca recomendou a gente pra ninguém, só recomendava que a gente não incomodasse ninguém, se mantivesse... nunca, assim, se preocupou se vão cuidar da minha família, é tu que vais te cuidar. E nesse sentido a gente tinha uma educação meio diferente dos guris, os guris não faziam nada dentro de casa, mas alertava pra esse lado de que a gente teria que ter independência financeira" (Maria Elena).

No caso de Maria Elena vê-se que a educação não formal teve bastante importância para sua liberalização pelo menos no que se refere a sua independência financeira, o que sem dúvida representa um primeiro passo para uma liberação mais global.

Quanto à Dalva, não pude determinar as variantes, que a levaram a modificar sua maneira de pensar, embora em outras partes da entrevista ela tenha dito que o fato de ter ingressado na Universidade com dez anos a mais que a média de seus colegas, em muito lhe tinha auxiliado.

Acredito inclusive que não exista um modelo único que possa "*abrir a cabeça*" das pessoas, pois além da educação não formal, formal, meios de comunicação, religião e componentes biológicos, psíquicos e econômicos de cada uma, o importante é que dadas as condições favoráveis, quantas mulheres terão vontade de transformar suas próprias condições. Não se pode esquecer de que se a opressão tem toda uma gama de negativismos, de outro trás inúmeras comodidades que terão de ser abdicadas no caso de uma mudança de posição.

Por último, aquelas mulheres que desejarem realmente lutar por uma vida melhor para elas e, conseqüentemente, para todos, terão que ter, como seus aliados, pessoas que junto à luta específica tenham um comprometimento com uma luta mais ampla e mais abrangente.

4. FECHAMENTO

4. FECHAMENTO

A mulher vem sendo há séculos oprimida nos mais variados modos de produção e em diferentes tipos de sociedade . Esta opressão é acentuada pela educação que lhe é transmitida e que ela própria reproduz, através das profissões que exerce e que lhe são típicas por serem, quase sempre, uma projeção de seu trabalho doméstico.

Uma das causas que contribuem para a reprodução desta opressão é a educação que a mulher recebe tanto dentro como fora da sala de aula. A mesma é diferenciada não somente ao nível familiar como na própria escola. Tanto a educação formal, transmitida nos colégios, como aquela não formal, dada pela religião, meios de comunicação e família, são também responsáveis pelo fato das professoras reproduzirem, deliberadamente ou não, os modelos femininos tradicionalmente oprimidos.

Pertencendo a educação a um ramo do setor terciário e alcançando o segundo lugar em taxa de ocupação feminina, ela perde apenas para os serviços domésticos remunerados, tendo em comum com este setor o fato de ambos incluírem-se no rol das profissões tipicamente femininas, ou seja, daquelas atividades para as quais toda a mulher deve estar preparada para realizar dentro de suas próprias casas e que somente passam a ser remuneradas ou valorizadas quando fora da esfera doméstica.

Existem no Rio Grande do Sul contingências familiares (interferência dos pais) e/ou geográficas (cidades pequenas do interior, onde não se encontram faculdades) que levam um grande número de mulheres a optar pelo magistério. Há também professoras que tiveram sua opção profissional ligada a um processo de alienação ou medo que vem ao encontro de suas condições de mulheres oprimidas por uma estrutura patriarcal. Encontramos, ainda, mulheres que seguiram esta carreira como resultado de uma não opção relacionada com sua baixa auto-estima.

Na escola alvo, as professoras do turno da noite são, em grande número, oriundas do interior do Estado, de cidades pequenas onde, às vezes, não existia faculdade e que só vieram para Porto Alegre quando já tinham suas carreiras profissionais definidas, sendo que algumas inclusive já acumulavam vários anos de serviço.

Há clara evidência que algumas teriam escolhido outra profissão, principalmente a Medicina, se tivessem realmente podido optar.

Outro fato é que apesar de algumas não estarem satisfeitas com a carreira, elas não têm condições de trocá-la por outra, já que necessitariam, para isto, fazer outra faculdade, o que implicaria tempo e dinheiro.

Estes dados levam-nos a pensar que, se algumas mulheres seguiram a carreira do magistério por contingências e não por opção e algumas acabaram gostando dela, o que aconteceu com as demais?

Até que ponto as professoras que simplesmente se resignaram com suas profissões transmitem a seus alunos

suas frustrações refletidas num mau desempenho profissional?

Não podemos esquecer que a insatisfação com seu nível de realização incorpora-se o baixo índice salarial desta categoria. Seus salários variam de três a sete salários mínimos (abril de 86), renda esta que é aumentada, ou não, com atividades alheias à carreira de origem, ocorrendo uma distorção do trabalho, decorrente também da falta de concursos para professor, assim como para as demais funções deste quadro.

Esta distorção ocorre, por exemplo, no caso dos funcionários burocráticos, que são professoras afastadas de suas funções por falta de vagas, que ocupam estes postos por falta de pessoal.

Das 32 profissionais pesquisadas, apenas 13 exercem a sua função de dar aulas, as outras estão divididas da seguinte maneira: 4 na secretaria, 4 na seção do pessoal, 2 no serviço de orientação escolar, 3 na biblioteca, 1 no serviço de supervisão escolar, 1 no serviço de integração empresa-escola, 1 no protocolo, 2 na tesouraria e 2 no audiovisual. É bem verdade que algumas destas, além de exercerem os cargos acima, completam seus horários na sala de aula.

O que apareceu muito claramente em nossos dados foi que as mulheres estudam com o objetivo muito definido de ocupar um lugar no mercado de trabalho, e quando esta finalidade é alcançada, elas param de estudar, ou seja, o ensino não é visto como uma atividade enriquecedora e nem ao menos diletante.

Se, porventura, continuam fazendo algum curso não é para complementar seus conhecimentos e sim seus salários, não importando a disparidade que possa vir a existir entre sua formação e uma possível pós-graduação. Algumas, inclusive, tentam a complementariedade de seus salários com outra profissão totalmente diferente daquela de professora, principalmente as solteiras, que têm mais tempo disponível e não contam com a renda do marido.

Acontece que este é o protótipo da professora e se ainda não temos um modelo alternativo, podemos encontrar algumas mulheres, ainda que de forma isolada, que conseguiram romper com as normas que levam à reprodução dos padrões vigentes.

Percebe-se este novo comportamento de resistência a uma não reprodução dos padrões vigentes pelas respostas que tive ao roteiro para entrevistas (anexos) que foi dividido em 4 itens aos quais acrescentarei agora breves comentários, visto já ter sido o referido roteiro analisado no corpo do trabalho.

1. As profissões tipicamente femininas:

- começaram a trabalhar para ter uma independência financeira e sentirem-se mais livres do grupo familiar, pois com seus salários podiam optar por não morar mais com a família;
- ainda que não tivessem optado conscientemente pela profissão de professoras, assumiram-na e não querem trocá-la, pois além de sentirem-se realizadas profissionalmente acre-

ditam no papel que estão exercendo de agentes transformadoras;

- gostam do trabalho que fazem em suas casas, ainda que muitas vezes auxiliadas por empregadas e pelo próprio marido e não se sentem divididas entre a casa e a escola, mas vêem ambas atividades como complementares;
- ainda que concordem que é mais fácil para o homem do que para a mulher conseguir emprego, não colocam o sexo como empecilho principalmente por ser o magistério uma profissão de mulheres.

2. O trabalho doméstico da mulher:

- aceitam que o trabalho doméstico seja remunerado pelo Estado (nunca pelo marido) e que o mesmo deveria equivaler a seus salários de professoras, diferindo assim totalmente daquelas que acreditam que estão fazendo a sua obrigação e que esta deve lhes dar prazer;
- tentam educar os maridos, bem como os filhos, para a democracia ser exercida dentro da própria casa, o que implica uma nova política das relações familiares, trazendo o discurso político das longínquas esferas teóricas para dentro do lar, e fazendo com que as pessoas que moram numa mesma casa participem efetivamente de todas as tarefas e não pensem que estão apenas ajudando, pois

isto implicaria uma prestação de favores para com a mulher, esta sim, cheia de obrigações;

- fazem notar que alguns papéis estabelecidos são meramente, ou convenientemente, culturais e devem ser modificados.

3. A opressão da mulher:

- discutem com o marido e filhos o papel de cada membro da família;
- trabalham fora como forma de conseguir sua própria renda e ter mais igualdade de condições com o marido;
- valorizam-se por aquilo que são e não por aquilo que a sociedade espera delas.

4. O papel da educação na opressão da mulher:

- embora os pais sempre prefiram privilegiar a educação dos filhos homens, elas lutam para alcançar seus objetivos acadêmicos o que implica, muitas vezes, sair da casa dos pais para ir estudar na capital que oferece maior variedade de cursos ou simplesmente ter o direito de estudar à noite;
- estudam para manterem-se atualizadas na profissão e não com objetivos unicamente salariais ou carreiristas;

- pensam que, tanto o pai como a mãe, devem ter responsabilidade na educação dos filhos e não acreditam nos "dotes maternos";
- não repassam para os filhos suas obrigações mas incentivam os mesmos a assumirem algumas pequenas responsabilidades.

Acredito que certamente não existem modelos que levem as pessoas da reflexão à ação, pois além da educação, meios de comunicação, religião, componentes biológicos, psíquicos e econômicos de cada uma, ainda existe o fato de que, dadas as condições favoráveis, elas tenham realmente a vontade de mudar sua condição de mulheres oprimidas, pois não podemos esquecer que, se a opressão tem toda uma gama de negativismos, traz também inúmeras comodidades que terão de ser abdicadas no caso de uma mudança de posição.

Por último, constata-se que as professoras pesquisadas, que estão conseguindo alcançar algumas mudanças, tanto no seu papel profissional, como no de mulher, têm como vantagem, perante as outras categorias, a intermediação do papel contraditório da escola. Esta intermediação, proporcionada tipicamente pelo exercício do magistério, permite, por sua característica de dinamicidade, que as professoras, em processo de transformação, venham a passar para as demais mulheres momentos de ruptura face a estabilidade da situação presente.

5. BIBLIOGRAFIA

5. BIBLIOGRAFIA

- ALBORNOZ, Susana & CARRION, Conceição. Na condição de mulher. Santa Cruz do Sul, Gráfica Universitária da APESC, 1985.
- ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- ASTELARRA, Judith. O sexismo na Sociologia: algumas manifestações, soluções e problemas. 1982. Mimeogr.
- BARROSO, Carmen. Mulher, sociedade e Estado no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- BOGDAN, R.C. & BIKLEN, S.K. Qualitative research for Education. Boston, Allyn and Bacon, 1982.
- BOUVOIR, Simone. O segundo sexo. A experiência vivida. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. 2.ed. São Paulo, Editora Brasiliense S.A., 1982.
- CEPERGS. 4º Encontro Estadual de Educação, 4.ed. Porto Alegre, 1982. Mimeogr.
- CHIARELLI, Arabela. O que restou da luta feminista. Dedicção ao lar não pode ser medida. Zero Hora, Porto Alegre, 21 jul. 1985.
- COTRIM, Gilberto. História do Brasil para uma geração consciente. São Paulo, Editora Saraiva, 1983.
- CRUSIUS, Yeda. O que restou da luta feminista. Quanto vale o trabalho doméstico? Zero Hora, Porto Alegre, 21 jul. 1985.

- ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. 4.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Bibliografia anotada: mulher brasileira. São Paulo, Editora Brasiliense, 1979. v.1.
- GORZ, André. Adeus ao proletariado; para além do socialismo. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1982.
- GUATHIER, Xavière. Sujas. Jornal Mulherio, (14): 1983.
- MARX, Karl. O capital; crítica da economia política. 3.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- MEILLASSOUX, Claude. Mujeres, graneros y capitales. 2.ed. México, Siglo Veintiuno, 1978.
- MELLO, Guiomar Namó de. In. BARROSO, Carmen. Mulher, sociedade e Estado no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1983.
- MURARO, Rose Marie. Sexualidade da mulher brasileira; corpo e classe social no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1983.
- OAKLEY, Ann. La mujer discriminada. Biología y sociedad. Madrid, Editorial Debate, Tribuna Feminista, 1977.
- PENA, Maria Valéria Junho. Mulheres e trabalhadoras, Presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1981.
- PEÑA, Sérgio de la. El modo de producción capitalista; teoría y método de investigación. 2.ed. México, Siglo Veintiuno editores, 1979.
- PINHEIRO, Alice. Avances y definiciones del movimiento feminista en Brasil. México, UNAM, 1981. Tese.
- PRADO JR., Caio. Formação do Brasil contemporâneo. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- RANDALL, Margareth. Mujeres en la revolución. México, Siglo Veintiuno Editores, 1980.

- ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina P.; NEGRÃO, Esmeralda V. A educação da mulher no Brasil. São Paulo, Global Editora, 1982.
- ROWBOTHAM, Sheila. Mundo de hombre, conciencia de mujer. Madrid, Editorial Debate, Tribuna Feminista, 1977.
- SILVA, Lorena. Mulher e trabalho; estrutura ocupacional feminina no RS; 1920/1970. Porto Alegre, UFRGS, 1977. Diss. mestrado.
- THIOLLENT, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operaria. São Paulo, Polis, 1980.
- VECCHIO, Martha. O que restou da luta feminista. A "Mutante" da década de 70. Zero Hora, Porto Alegre, 21 jul. 1985.
- VIEIRA, E.M. Esse sexo que é nosso. Cuadernos de CIDE, Santiago, 1981.
- WATERS, Mary Alice. Marxismo y feminismo. Barcelona, Foutamara, 1979.
- WIEDEMANN, Lyrís. Material mimeografado. Porto Alegre, UFRGS, 1983.

6. ANEXOS

6. ANEXOS

6.1 - CARTA

COLEGAS,

Estudo na Faculdade de Educação da UFRGS e estou aqui para, num primeiro momento, conversar com vocês sobre a possibilidade de realizarmos um trabalho juntas. Um trabalho sobre a condição das mulheres que trabalham fora e além disso ainda têm de cuidar da casa e da família, assim como vocês.

Vamos discutir nossas experiências de trabalhadoras e de donas-de-casa para que possamos tentar descobrir as causas e as possíveis soluções para alguns de nossos problemas do dia-a-dia.

Contando com a colaboração de vocês, agradeço o tempo que possam me dispensar.

Atenciosamente,

ALBA

6.1.1 - ANEXO DA CARTA

PRIMEIRO NOME

OU

APELIDO

Aceito Participar

Não Aceito Participar

Horário Disponível

Local Disponível

SUGESTÕES

6.2 - ROTEIRO¹⁷ PARA ENTREVISTA

A - A OPRESSÃO DA MULHER

1. Que características as mulheres têm que são comuns ao sexo masculino?
2. Como deve ser uma mulher tipicamente feminina?
3. Como deve proceder uma mulher em relação às exigências que fazem seus maridos? E seus filhos?
4. Tu achas que uma mulher que fica trabalhando em casa tem uma forma de pensar diferente daquela que sai para trabalhar fora. Em que sentido?

B - O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA OPRESSÃO DA MULHER

1. Tu pensas que a educação que os pais dão para os seus filhos homens é igual a das meninas? Ou seja, em caso de poder dar educação só para um, qual será o escolhido?

¹⁷ A palavra roteiro significa, nesta pesquisa, guia para a entrevistadora. As perguntas que dele constam foram ampliadas ou suprimidas de acordo com as necessidades apresentadas, sempre mantendo os focos temáticos. Este roteiro foi, em princípio, o mesmo para todas as entrevistadas.

2. Tu estás estudando atualmente? Gostarias de ter estudado por mais tempo, ou estar estudando agora?
3. Quem deve ter o papel mais importante na educação dos filhos dentro da família?
4. Qual a participação que devem ter os filhos nas tarefas da casa? E no cuidado com os irmãos menores?

C - AS PROFISSÕES TIPICAMENTE FEMININAS

1. Por que resolveste começar a trabalhar?
2. Por que escolheste esta profissão?
3. Gostarias de trocar de serviço?
4. Que trabalho tu crês que seja mais valorizado pela família, o que fazes na rua, ou em casa? Por quê?
5. Achas que é mais fácil para um homem, ou para uma mulher conseguir emprego?

D - O TRABALHO DOMÉSTICO DA MULHER

1. Gostas mais do trabalho da escola ou o da casa? Por quê?
2. Tens alguém que te ajude no trabalho da casa?

3. Qual a participação do teu esposo nas tarefas domésticas? E no cuidado com os filhos?
4. Nos trabalhos que realizas em casa, crês que a maior parte do tempo é gasto contigo mesma ou com o resto da família?
5. Se o trabalho doméstico da mulher fosse remunerado, achas que deverias ganhar mais ou menos do que ganhas no trabalho realizado na escola?

6.3 FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

- Nome fictício:
- Idade:
- Estado civil:
- Número de filhos:
- Nível de escolaridade:
- Religião:
- Profissão anteriormente exercida:
- Número de horas de serviço:
- Nível:
- Tempo de magistério:
- Outras atividades remuneradas: